JOÃO PAULO COSTA ALVES

O turismo literário na cor de brasilidade: a revista *Travel in Brazil* em foco

Editora Poisson

João Paulo Costa Alves

O turismo literário na cor de brasilidade: A revista *Travel in Brazil* em foco

1ª Edição

Belo Horizonte

Editora Poisson

2024

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
MSc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474 ALVES, João Paulo Costa

O turismo literário na cor de brasilidade: A revista Travel in Brazil em foco/ João Paulo Costa Alves – Belo Horizonte– MG: Editora Poisson, 2024

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-358-4
DOI: 10.36229/978-65-5866-358-4
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1.Ensino 2.Educação 3.Turismo literário I. ALVES, João Paulo Costa II. Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

Autor

João Paulo Costa Alves

Mestre em Letras (UNIFESSPA), graduação em Letras (UNAMA); graduação em Pedagogia (Faculdade São José dos Campos). Sou especialista em Neuropsicologia (Faculdade Metropolitana); Especialista Neuropsicopedagogia (Faculdade Focus); Especialista em Direção Escolar e Orientação Educacional (Universidade Cândido Mendes); Especialista em Linguística Aplicada (Faculdade IBRA); Especialista em Literatura Brasileira (Faculdade Focus). Faço parte do grupo de pesquisa do Programa Ensino de Português para Estrangeiros (PEPE/UNIFESSPA) e do grupo de pesquisa Literatura de Viagens. Pedagogo da Faculdade de Medicina; Professor da Faculdade de Medicina (FACIMPA); professor da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Prefácio

Aqui vamos falar de história, memória, literatura, cultura, brasilidade e turismo literário. Para isso, o nosso recorte é a revista *Travel in Brazil*, de 1941 e 1942. Editora-chefe: Cecília Meireles. O que focar nessa revista? Após ler todas as edições, trabalhos publicados de acadêmicos da UNIFESSPA, artigos do meu próprio orientador de mestrado, Luís Romano, optei em conhecer o Brasil da época, lendo os textos que retratassem de brasilidade. Dessa forma, reconhecer o mundo e o Brasil no final da década de 1930 e início de 1940 com especificidades políticas, econômicas e sociais, num tempo denominado entre-guerras.

Ao analisar fatos de 1929 em diante, observa-se que os países estavam desgastados com o final da Primeira Guerra Mundial, a economia ainda em passos lentos pós-quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a diplomacia era o lado sensível para encontrar as melhores estratégias de política entre diversas nações. O Brasil recém-saído de uma oligarquia, mas que enfrentava um golpe político em 1930. Além do mais, é imperioso destacar que Itália e Alemanha traziam à baila um novo regime político, chamado poderes autoritários (LUKACS, 2006).

Analisando os anos de 1939 a 1942, com lentes para o Brasil, este vivenciou um período de transformações e desafios significativos. O país encontrava-se sob o governo de Getúlio Vargas, que governava de forma autoritária após a implantação do Estado Novo em 1937. Essa era uma época de centralização do poder político e controle da imprensa, em destaque ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) com o objetivo de consolidar o poder do governo.

Internamente, o Brasil buscava fortalecer sua economia e industrialização, adotando políticas de substituição de importações para estimular a produção nacional. Além disso, medidas sociais, como a criação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) foram implementadas para melhorar a situação dos trabalhadores (MOTA, 1995). Já externamente, o Brasil tentava manter uma posição de neutralidade na Segunda Guerra Mundial, mesmo com a crescente pressão internacional para tomar partido. A nação se beneficiava do comércio com países em guerra, mas também enfrentava dificuldades econômicas devido às restrições internacionais (MOTA, 1995).

Em relação à cultura entre Brasil e Estados Unidos, na política da Boa Vizinhança, foi marcada por troca de ideias, arte, música, cinema e literatura. Os EUA promoveram o intercâmbio cultural com a América Latina através da criação de rádios e escritórios culturais, bem como a realização de exposições e festivais para divulgar a cultura latino-americana. Essa permuta cultural contribuiu para uma maior compreensão e apreciação mútua entre os dois países.

Em relação à política, a Boa Vizinhança visava fortalecer os laços políticos e econômicos entre o Brasil e os Estados Unidos, reduzindo as tensões e desconfianças que haviam marcado relações anteriores. O governo dos EUA ofereceu assistência técnica e financeira ao Brasil para impulsionar seu desenvolvimento econômico e industrialização. No entanto, é importante destacar que a política da Boa Vizinhança não foi desprovida de interesses geopolíticos dos EUA na região, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando o país buscava garantir o apoio das nações latino-americanas em sua luta contra o Eixo (PANDOLFI, 1999).

Durante o Estado Novo (1937-1945), Vargas adotou uma postura de nacionalismo, buscando promover uma identidade nacional e reforçar o controle estatal sobre a economia. Ele também utilizou a propaganda e a censura para moldar a opinião pública e reprimir qualquer manifestação contrária ao regime (PANDOLFI, 1999).

Cabe ressaltar que o movimento modernista no Brasil e a política de Getúlio Vargas são dois fenômenos históricos que ocorreram em paralelo, com algumas interações e influências mútuas, mas também com características e objetivos distintos. O Modernismo foi um movimento cultural, artístico e literário que despontou na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Esse movimento buscava romper com as tradições estéticas e culturais vigentes até então, promovendo uma renovação nas artes e na literatura. Os modernistas brasileiros defendiam a valorização da cultura nacional, a incorporação de elementos da cultura popular e a busca por uma identidade brasileira autêntica (TELES, 1978).

Enquanto isso, Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930 por meio de um golpe de Estado, e em 1937 implantou o Estado Novo, um regime autoritário que durou até 1945. Vargas centralizou o poder em suas mãos, controlou a imprensa, dissolveu os partidos políticos e governou de forma autocrático (PANDOLFI, 1999).

Apesar das diferenças, o Modernismo e a política de Vargas apresentaram algumas interações. Alguns intelectuais modernistas, como Mário de Andrade, tiveram uma relação ambígua com o governo Vargas. Vargas buscou utilizar a cultura como uma forma de construir uma identidade nacional e exaltar o "espírito brasileiro", e alguns modernistas (Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade) foram convidados a participar de iniciativas culturais apoiadas pelo Estado, como o Departamento de Cultura e o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e Cecília Meireles como editora da revista *Travel in Brazil*, mantida pelo DIP, a qual convidou diversos literatos e jornalistas para o corpo editorial de artigos (Mário de Andrade, Tasso da Silveira, Paulo Rónai, Rachel de Queiroz, etc.).

No entanto, muitos modernistas mantiveram uma postura crítica em relação ao governo autoritário de Vargas. O Modernismo era um movimento de vanguarda, que buscava a liberdade de expressão e a ruptura com as normas estabelecidas, o que não se alinhava com a censura e o controle da cultura impostos pelo Estado Novo.

O Departamento de Imprensa e Propaganda foi criado durante o Estado Novo no Brasil, no governo de Getúlio Vargas, com o objetivo de controlar a imprensa e a propaganda do país. Embora muitas das ações do DIP tenham sido voltadas para a censura e a manipulação da informação para atender aos interesses do governo, também houve algumas contribuições para a cultura durante esse período (BOTELHO, 2019). Citam-se as principais contribuições: a) promoveu intercâmbios culturais com outros países, o que permitiu a divulgação da cultura brasileira no exterior. Houve a realização de exposições, festivais e eventos que destacaram as riquezas culturais do Brasil; b) valorização da cultura regional promovendo a diversidade cultural do país. Isso incluiu o incentivo à produção cultural local, como a literatura, música e artes visuais regionais; c) incentivo à produção artística, apoiou financeiramente e incentivou a produção artística no Brasil; d) houve a criação de prêmios e concursos que impulsionaram a criação literária,

cinematográfica e artística; e) patrimônio histórico contribuindo para a proteção e restauração de monumentos e edifícios históricos; f) difusão cultural com o rádio e o cinema como meios para disseminar informações culturais para o público brasileiro; g) programas de rádio e filmes educativos foram produzidos para divulgar a cultura e a história do Brasil (BOTELHO, 2005).

Apesar dessas contribuições, é importante destacar que o DIP também foi responsável por restringir a liberdade de expressão e controlar a produção cultural de acordo com os interesses do governo. Muitas das ações do DIP tinham como objetivo promover a imagem positiva do governo e ocultar informações que pudessem ser críticas ou desfavoráveis ao regime.

O DIP, com a direção de Lourival Fontes, em sua conjuntura política e ideológica do regime do Estado Novo distribuiu nos Estados Unidos a revista *Travel in Brazil*, que teve oito números editados entre 1941 e 1942, destinada a divulgar e institucionalizar o turismo no Brasil para um público estrangeiro, especialmente o norte-americano, cuja intenção era mostrar uma natureza exuberante, em alguns pontos semelhantes à europeia, herdeiro de tradições culturais também europeias e em plena modernização, o que estava ligado diretamente à política desenvolvimentista de Getúlio (ROMANO, 2009).

Os textos da revista apresentam a história de um Brasil diverso: étnico, cultural e paisagístico, com exemplos de cidades brasileiras, de norte a sul, a partir de itinerários sob diversos prismas, o que faz do leitor um viajante contemplativo, conhecedor da cultura brasileira, um viajante, mais precisamente um "turista", com ideais não somente de acúmulos de experiências, mas um leitor-turista convidado a entender as matrizes do país com as rendas de diferentes origens, bonecas artesanais, as embarcações nordestinas (jangadas), a construção identitária da música brasileira, a arquitetura, etc.

A brasilidade, dessa forma, é moldada por essa cultura diversificada e em constante mutação. É uma identidade que abraça a complexidade e a pluralidade, assim como as infinitas combinações de cores e formas que um caleidoscópio pode criar. Essa riqueza e diversidade cultural são elementos essenciais da identidade brasileira, tornando-a única e fascinante, como um caleidoscópio cultural em constante movimento.

Espera-se com cada capítulo deste livro contribuir com o entendimento da história da cultura, sobre as nuances da brasilidade, que é um tema vasto e multifacetado, que permeia todas as dimensões da sociedade humana. Ao longo da história, a cultura do Brasil tem sido um elemento fundamental na construção da identidade coletiva de diferentes grupos, povos e nações. Por meio da cultura, transmitimos valores, crenças, tradições e conhecimentos, criando laços entre gerações e moldando nossa forma de ver o mundo (HALL, 1997; WHITE e DILLINGHAM, 2009).

REFERÊNCIAS:

[1] BOTELHO, André. **O Brasil e os dias. Estado-nação, modernismo e rotina intelectual**. Bauru: Edusc, 2005.

[2] BOTELHO, André. **O retorno da sociedade. Política e interpretações do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2019.

[3] HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1997.

[4] LUKACS, John. **Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

[5] MOTA, Carlos Guilherme. Cultura e política da boa vizinhança: dois artistas norte-americanos no Brasil. In: Coggiola, Oswaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã/FFLCH/USP, 1995.

[6] PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

[7] ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Cecília Meireles e a *Travel in Brazil* (1941 e 1942)**. São Paulo: Intermeios, 2019.

[8] TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1978

[9] WHITE, L. A.; DILLINGHAM, B. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009

SUMÁRIO

Capítulo 1: Para entender a revista *Travel in Brazil*..... 11

Capítulo 2: O olhar turístico-cultural na revista *Travel in Brazil* na perspectiva do Departamento de Imprensa e Propaganda: ideologia e (inter)nacionalismo..... 18

Capítulo 3: Discursividade do/sobre artefato cultural popular na revista estadonovista *Travel in Brazil*, no texto "Bonecas brasileiras", de 1941 27

Capítulo 4: Comparação dos sumários das revistas *Travel in Brasil* e *Panorama* – a perspectiva do turismo literário..... 35

Capítulo 5: Análise do social em "As Represas do Nordeste Brasileiro", na Revista *Travel In Brazil* (Vol. 1, Nº 3, 1941), de Rachel De Queiroz 45

Capítulo 6: A ideologia do Estado Novo português para a confecção da revista *Panorama* (1940 e 1941) 52

Capítulo 1

Para entender a revista Travel in Brazil

A revista *Travel in Brazil* lançada em 1941 durante o período do Estado Novo no Brasil, criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), liderado por Lourival Fontes, do governo de Getúlio Vargas, com o propósito de atrair turistas estrangeiros para o Brasil, sendo publicada em inglês e rica em ilustrações. Com o propósito de promover uma imagem positiva do Brasil, tanto interna quanto externamente, a revista teve 8 edições distribuídas entre 1941 e 1942, quando foi sucedida pela revista *This is Brazil*.

a) 1941: Volume 1, números: 1, 2, 3, 4.

b) 1942: Volume 2, números: 1, 2, 3, 4.

Observa-se que a revista V.2, nº 3 ainda não foi encontrada para fins de documentação historiográfica e literária.

Alguns escritores notáveis participaram da revista, a exemplo de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tasso da Silveira e Menotti Del Picchia, Cecília Meireles, etc.

Cecília Meireles desempenhou um papel fundamental na coordenação e redação dos textos da revista, que visavam transmitir uma imagem modernizadora do Brasil durante o Estado Novo. A revista apresentava a articulação entre texto e fotografia. Segundo Vaccaro e Romano (2022, p. 6):

> Esse resultado é fruto de um novo olhar presente nas lentes das câmeras. No Brasil, essa técnica chegou por intermédio de fotógrafos europeus. Com a Segunda Grande Guerra, inúmeras pessoas viam em outras regiões a chance de sobrevivência, mediante a ascensão de ditaduras – principalmente a nazista –, em suas terras natais. Alguns dos refugiados que chegaram ao Brasil vindos da Europa Central, traziam suas câmeras portáteis e viram na fotografia uma oportunidade de trabalho.

Assim, no que diz respeito ao fotojornalismo, a imagem presente na *Travel in Brazil* oferece ao leitor a oportunidade de contemplar elementos dos cenários e pessoas que, de outra forma, só poderiam ser apreciados mediante uma viagem aos países em questão.

Ressalta-se aqui a tessitura sobre Cecília Meireles, como uma grande representante da literatura brasileira e sua grandiosa forma de conduzir seus textos e trabalhos como grande intelectual e conduziu a revista *Travel in Brazil* de modo a articular entre ideologias autoritárias e a cultura brasileira.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901, perdendo seus pais logo nos primeiros anos de vida. Ela foi criada por sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides. Após concluir o ensino primário na Escola Estácio de Sá, onde recebeu uma medalha de ouro das mãos de Olavo Bilac, Cecília Meireles formou-se professora em 1917, na Escola Normal do Rio de Janeiro. Além disso, estudou música e línguas e começou a lecionar em escolas oficiais na cidade. Em 1919, lançou seu primeiro livro de poemas, *Espectros*, contendo 17 sonetos de temas históricos. Em 1940, casou-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias e teve três filhas (FONTELES, 2010).

Durante a Semana de Arte Moderna em 1922, participou do grupo da revista *Festa*, ao lado de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, defendendo o universalismo e a preservação de certos valores tradicionais da poesia. Ao longo de sua carreira, Cecília

Meireles se dedicou ao estudo da literatura, folclore e teoria educacional, colaborou com a imprensa carioca, atuou como jornalista, fundou a primeira biblioteca infantil no Rio de Janeiro, em 1934, e viajou para Portugal no mesmo ano, proferindo conferências sobre a literatura e o folclore brasileiros. Também lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas (1940), realizou conferências sobre Literatura Brasileira em Lisboa e Coimbra, e publicou o ensaio "Batuque, Samba e Macumba" em Lisboa, com suas próprias ilustrações (1942). Ao longo de sua vida, Cecília Meireles realizou diversas viagens, percorrendo os Estados Unidos, Europa, Ásia e África, onde proferiu conferências sobre Literatura, Educação e Folclore. Em 1942, tornou-se sócia honorária do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (GOUVEA, 2007).

Cecília soube encontrar caminhos para coordenar e escrever textos para a Revista de modo sensível e inteligente, "apesar de ter de se submeter às rígidas normas de censura da época e à imagem modernizadora e 'arianizadora' que o DIP queria divulgar interna e externamente do Brasil através da revista" (ROMANO, 2019, P.21), assim como seus colegas escritores contribuintes com a revista: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tasso da Silveira, Menotti Del Picchia, entre outros.

Cecília Meireles viu suas palavras ganharem vida nas páginas da *Travel in Brazil*. Alguns textos da revista possuem assinatura/nome da escritora, porém outros ficam com intenções prováveis de serem dela.

Apesar dos textos não serem assinados, ambos certamente remetem a autoria de Cecília Meireles, que era uma estudiosa do folclore, cujos conteúdo e regularidade de assuntos brasileiros faziam parte de sua identidade. Cabe ressaltar que há alguns textos com pseudônimos, tal qual "Florência", que também é uma possibilidade de ser Cecília Meireles (ROMANO, 2019).

Nesse veículo, que visava promover o turismo interno e internacional, a literatura ocupava um lugar especial, proporcionando uma conexão íntima entre a cultura e os viajantes em busca de novas experiências. A revista *Travel in Brazil* buscava retratar as belezas naturais, as cidades e o patrimônio cultural do país para incentivar o turismo interno e internacional, como sugeria o Estado Novo por meio do DIP. Nesse contexto, a literatura desempenhava um papel importante na promoção do turismo cultural (MOREIRA, 2012).

Cecília Meireles contribuiu com sua intelectualidade para a revista, na função de editora e escritora, com temas relacionados à cultura brasileira, história, tradições e paisagens, capturando a essência do país por meio de sua poesia. A revista *Travel in Brazil*, embora tenha tido curta duração, foi um marco na divulgação do turismo e da cultura brasileira durante o Estado Novo. A publicação representou um esforço do governo em promover o Brasil como um destino turístico, e a presença de escritores renomados como Cecília Meireles contribuiu para a valorização da cultura nacional.

A revista foi uma das iniciativas do DIP para promover o turismo no Brasil e atrair visitantes estrangeiros, cujo propósito era apresentar o país como um destino exótico e atrativo, repleto de belezas naturais, riquezas culturais e uma rica diversidade regional. Sob a influência do DIP, a revista tinha uma abordagem cuidadosamente planejada, destacando os aspectos positivos do país e evitando questões controversas ou críticas ao governo. Visando atingir a uma audiência internacional para as realizações de Vargas, o DIP enviava regularmente suas publicações para o exterior, assim a revista *Travel in Brazil*, com muitas ilustrações, escrita integralmente em inglês, capa colorida e projeto

gráfico moderno, possuía temas e abordagens ideológicas específicas propostas pelo DIP, que diziam respeito, segundo Romano (2019):

a) à herança europeia (memória, tradições populares, artes);

b) a descrições de belezas das paisagens naturais do Brasil; e,

c) à modernização urbana, industrial e científica do País.

Em suma, a revista oferecia ao turista estrangeiro, uma elite nativa com padrões europeizada, um país com pessoas educadas, geografia atrativa e vida moderna. Mas fica claro que os colaboradores do periódico conseguiram mostrar uma diversidade cultural do país que ia além das intenções propagandísticas e ideológicas do DIP.

No objetivo de atingir uma audiência internacional, o DIP enviava suas publicações para o exterior. A pesquisadora Luca (2011) na tentativa de recolher esse material para estudo (panfleto, periódicos e livros), buscou nos acervos internacionais das universidades de Tulane, em New Orleans, e Louisiana e Vanderbilt, e Nashville Tenessee. Na Tulane University, a pesquisadora encontrou sete números da revista e um número da revista *This is Brazil*.

Luca (2011) sinaliza que a revista era mensal, porém Romano (2019, p.26) afirma que "não é possível afirmar que essa periodicidade era, de fato, respeitada", pois em sua pesquisa, a partir da análise nas cartas entre Cecília Meireles e Mário de Andrade, organizada por Telê Ancona Lopez, confirma que as revistas eram lançadas sem a periodicidade informada pela revista. Romano (2019) constata em sua pesquisa de 2014 que "na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, o acesso à *Travel in Brazil* é feito diretamente às revistas impressas (...) Em nenhuma deles consta o nome de Cecília Meireles como editora" (p.28)

A revista *Travel in Brazil* procurou valorizar a cultura brasileira, incluindo a literatura como um dos elementos de destaque. Autores renomados foram convidados a contribuir com seus escritos, como é o caso da poeta Cecília Meireles, que além de ser editora, foi também escritora. Sua participação na revista possibilitou a divulgação de sua poesia e permitiu que sua obra fosse apreciada por um público mais amplo, tanto nacional quanto internacional.

É fundamental destacar que a abordagem da propaganda do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no exterior difere significativamente daquela direcionada ao público interno. Ao contrário do enfoque centrado em exaltar Getúlio Vargas como um líder grandioso e estadista, fortalecendo sua imagem e realçando suas realizações durante o Estado Novo, a propaganda voltada para o exterior adota uma abordagem distinta. Nesse contexto, seu objetivo principal reside em retratar o Brasil como uma nação próspera, cheia de oportunidades e com um povo acolhedor, destacando suas conquistas e potenciais econômicos, culturais e turísticos. Desse modo, a propaganda do DIP no âmbito internacional busca atrair investimentos, promover o comércio exterior e projetar uma imagem positiva do país, enquanto o foco na figura de Vargas é menos proeminente.

No contexto político da época, a cultura foi utilizada como uma ferramenta de propaganda política e de fortalecimento do nacionalismo, mencionado no título deste livro como cor de brasilidade. O governo de Vargas buscava criar uma identidade nacional unificada e coesa, utilizando a cultura como um meio de promover a ideia de brasilidade e de exaltar os valores do país. Quanto aos escritores, principalmente Cecília Meireles, eles procuravam

> mostrar que, apesar da necessidade de adequação à ideologia do Estado Novo, a editora Cecília Meireles e muitos dos colaboradores, que faziam parte das correntes de vanguarda das Letras da época e/ou eram representantes da inteligência nacional, conseguiram mostrar uma diversidade cultural do país que ia além das intenções propagandísticas do DIP (ROMANO, 2019, P. 32-33)

Com essa citação, observa-se também a reflexão entre autores contrários ao regime, mas que por questões de remuneração e sobrevivência, tinham que trabalhar a favor dele, e também sobre seus nomes vinculados a publicações do regime.

A revista destaca em suas páginas as belezas naturais do Brasil, desde as praias paradisíacas até as exuberantes florestas amazônicas e pantanal. Ao mesmo tempo, divulga informações sobre a rica diversidade cultural do país, explorando as tradições indígenas, afro-brasileiras e de imigrantes que contribuíram para a formação da nação. Essa abordagem híbrida e inclusiva promove uma visão verdadeiramente ampla do Brasil, que vai além dos estereótipos.

Para além das fronteiras do Brasil, a revista traz comparações do país com regiões europeias em diversos textos, a exemplo do artigo "Petrópolis: a Capital de Verão do Brasil" (Vol. 1, Nº 3, 1941), de Vera Kelsey, esta compara Petrópolis a Suíça a partir da arquitetura, paisagens naturais, como os jardins, ou mesmo trazem em sua escrita a essência da vida nas pequenas vilas da Itália. Essa comparação entre Brasil e Europa permite ao leitor estrangeiro uma maior familiaridade, bem como instrumentalizar o turismo.

Ao combinar o propósito turístico com a divulgação do conhecimento cultural, essa revista exemplifica como a produção editorial pode ser um poderoso instrumento de promoção do entendimento da cultura. Vale ressaltar que o DIP também promovia a produção de conteúdo cultural que estivesse de acordo com a visão oficial do governo. Foram realizadas diversas campanhas de propaganda que exaltavam a cultura brasileira, valorizando o folclore, a música, a literatura e as tradições regionais. Essas campanhas tinham como objetivo fortalecer a identidade nacional e criar um senso de coesão entre os brasileiros.

É importante ressaltar que o controle exercido pelo DIP, destaca-se aqui a revista em análise, sobre a cultura no Estado Novo tinha o objetivo de consolidar o poder do governo e reforçar a imagem de Vargas como um líder forte e carismático. A cultura, nesse contexto, era instrumentalizada como um meio de manipulação da opinião pública e de construção de uma narrativa oficial (PAULO, 1994; TELES, 1978).

No entanto, é válido destacar que, apesar do controle e da censura, artistas e intelectuais brasileiros conseguiram encontrar maneiras de expressar suas visões e críticas por meio de suas obras, muitas vezes de forma sutil e simbólica, assim os escritores adequavam o discurso. O período do Estado Novo deixou um legado ambíguo na cultura brasileira, com produções que expressavam tanto a influência do governo quanto a resistência e a criatividade dos artistas diante das restrições impostas (CANDIDO, 2000).

Durante o Estado Novo, Getúlio Vargas tinha uma visão estratégica e valorizava o interior do Brasil. Ele reconhecia a importância de desenvolver e integrar as regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, buscando promover o desenvolvimento econômico e social em todo o país. Vargas implementou políticas voltadas para o interior,

com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais e promover o progresso em áreas rurais e menos desenvolvidas. Ele priorizou investimentos em infraestrutura, como a construção de estradas, ferrovias e redes de energia elétrica, para melhorar a conectividade e o acesso a serviços básicos nessas regiões (BASTOS, FONSECA, 2012; DUTRA, MOLLIER, 2006; LUKACS, 2006).

Além disso, Vargas estimulou a colonização agrícola e a agricultura familiar, visando aumentar a produção de alimentos e fortalecer a economia rural. Programas de colonização, como o caso da Marcha para o Oeste, foram implementados para incentivar a ocupação e o desenvolvimento do interior do país. Outra importante iniciativa de Vargas foi a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), que promoveram a formação profissional e técnica nas áreas industrial e comercial, contribuindo para o desenvolvimento econômico do interior (DUTRA, MOLLIER, 2006; LUKACS, 2006; VIANNA, 2019).

Dessa forma, Getúlio Vargas via o interior do Brasil como uma parte essencial do país, buscando reduzir as disparidades regionais e promover o progresso em todas as áreas. Suas políticas e investimentos direcionados ao interior refletiam um Brasil mais integrado e desenvolvido, buscando alcançar um equilíbrio entre as regiões e melhorar a qualidade de vida da população em todo o país (PAULO, 1994).

O governo Vargas buscava promover uma visão positiva do país, destacando sua identidade nacional, suas belezas naturais e culturais, e retratando o Brasil como uma nação próspera e em progresso. A literatura, nesse contexto, foi incentivada a valorizar o nacionalismo, a exaltar as conquistas do governo e a promover uma imagem positiva do Brasil. Autores que se encaixavam nesse perfil, como Cassiano Ricardo, foram incentivados e premiados pelo Estado Novo. Suas obras abordavam temáticas que exaltavam a cultura brasileira, a história do país e os aspectos sociais e populares (CAPELATO, 1998; LAMOUNIER, 1988). E é nesse contexto que surge também a *Travel in Brazil*, como um expoente da cultura, do turismo e da brasilidade em seus amplos discursos.

REFERÊNCIAS

[1] BASTOS; Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra (ORG.) **A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

[2] CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

[3] CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.

[4] DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006

[5] FONTELES, Graça Roriz. **Cecília Meireles: Lirismo e Religiosidade**. São Paulo: Scortecci Editora / Rebra, 2010.

[6] LAMOUNIER, Bolívar. **Getúlio**. Coleção os Grandes Líderes. Vol. 5. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

[7] LUCA, Tania Regina de. **A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em Acervos Norte-Americanos: Estudo de Caso.** In Revista Brasileira de História, v.31, n. 61. São Paulo: 2011.

[8] LUKACS, John. **Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

[9] MOREIRA, Ruy. As fases e vetores da formação espacial brasileira: hegemonias e conflitos. In: _____. **A formação espacial brasileira: uma contribuição crítica à geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.

[10] PAULO, Heloísa**. Estado Novo e Propaganda: em Portugal e no Brasil, o SPN/SNI e o DIP**. Coimbra: Livraria Minerva, 1994.

[11] ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Cecília Meireles e a *Travel in Brazil* (1941 e 1942)**. São Paulo: Intermeios, 2019.

[12] TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1978

[13] VIANNA, Andrea de Albuquerque. **Turismo e Política no Brasil de Vargas**. ANPUH – 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

Capítulo 2

O olhar turístico-cultural na revista Travel in Brazil na perspectiva do Departamento de Imprensa e Propaganda: ideologia e (inter)nacionalismo

João Paulo Costa Alves[1]
Luís Antônio Contatori Romano[2]

[1] Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Especialista em Literatura Brasileira e Linguística Aplicada, pesquisador do grupo de pesquisa Literatura de Viagens pelo CNPq.
[2] Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, com Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pelo IEB-USP, professor de Estudos Literários no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unifesspa e Pesquisador Produtividade do CNPq.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar quatro artigos da revista *Travel in Brazil* que tematizam artefatos do interior do Brasil como elemento cultural, cujo propósito de alguns colaboradores é mostrar o país com uma maior pluralidade cultural e étnica, mas isso sempre dentro dos limites impostos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão governamental com propósitos específicos para a política Varguista.

O DIP em sua conjuntura política e ideológica do regime do Estado Novo, chefiado por Getúlio Vargas, divulgou nos Estados Unidos a revista *Travel in Brazil*, que segundo Romano (2019, p. 13) "teve oito números editados entre 1941 e 1942, era uma publicação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas destinada a divulgar o turismo no Brasil para um público estrangeiro, especialmente o norte-americano".

Essa revista surge em um contexto em que Hobsbawm (1995) denomina de "A Era dos Extremos", numa sequência que durou mais de vinte anos: Mussolini inaugurou o cortejo, ao tomar o poder na Itália, em 1922. Seguiram-se Salazar em Portugal (1932), Hitler na Alemanha (1933) e o general Franco na Espanha (1939). Atravessando o Atlântico, o Brasil teve a "glória" de figurar no cortejo, com o golpe de Getúlio Vargas, implantando o Estado Novo em novembro de 1937.

O DIP, com a direção de Lourival Fontes, criava a revista *Travel in Brazil*, cuja intenção era mostrar uma natureza exuberante, em alguns pontos semelhantes à europeia, herdeiro de tradições culturais também europeias e em plena modernização, o que estava ligado diretamente à política desenvolvimentista de Getúlio.

Os textos da revista apresentam a História de um Brasil diverso: étnico, cultural e paisagístico, com exemplos de cidades brasileiras, de norte a sul, a partir de itinerários sob diversos prismas, o que faz do leitor um viajante contemplativo, conhecedor da cultura brasileira, um viajante, mais precisamente um "turista", com ideais não somente de acúmulos de experiências, mas um leitor-turista convidado a entender as matrizes do país com as rendas de diferentes origens, bonecas artesanais, as embarcações nordestinas (jangadas) e a construção identitária da música brasileira.

Ao propor neste artigo "um olhar turístico-cultural", baseamo-nos no conceito de *literatura de turismo* proposto por Quinteiro e Baleiro (2017, p.21), o qual refere-se "a um conjunto de textos, que por determinados efeitos intencionais e semânticos, são permeáveis a uma exegese interdisciplinar nas áreas da literatura e do turismo". Esses conceitos são muito recentes e aparecem a partir de 1980, com "Richard Butler (1986), surgiram os primeiros estudos académicos sobre o nicho cultural, no qual se alia a literatura à atividade turística" (IDEM, P. 46).

Para este estudo, a metodologia baseou-se na leitura da *Revista Travel In Brazil* (vol. 1, nº 1, de 1941 e vol. 1, nº 1, de 1942), em específico os textos *Jangada e Jangadeiros* (1941), *Bonecas brasileiras* (1941), *Música brasileira* (1942) e *Rendas artesanais brasileiras* (1942), no governo Getulista, cujo interesse foi perceber a abordagem cultural própria do interior do Brasil que se faz presente em artigos das revistas sob um olhar literário, recuperando assim a memória do Brasil relativa à instrumentalização do turismo como meio de propaganda do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Nesse sentido, por mais que à época ainda não existia a terminologia "turismo literário", este trabalho já se apropria de tal termo para analisar o que se fazia na revista em estudo, deixando a pesquisa mais atual e com debate aberto para o tema.

A revista *Travel in Brazil* com propósitos discursivos para divulgar as possibilidades de potencial turístico no Brasil ao público americano, convidava o estrangeiro a conhecer a pátria brasileira, este "turista", segundo Romano (2016, p.54):

> seria aquele que transita entre espaços estrangeiros, buscando percorrer o maior número possível e apropriar-se deles por meio da miniaturização fotográfica. O viajante é um contemplador, concentra o olhar em determinados objetos, procura observá-los mais demorada e detidamente e põe em movimento uma série de relações intertextuais, derivadas de leituras prévias, mapas, obras de arte, memórias de infância, outras viagens.

Dessa forma, Quinteiro e Baleiro (2017, p. 89) dizem que "sem prejuízo da convicção de que todos nós podemos assumir intermitentemente o papel de turista e de viajante". As autoras ressaltam os traços distintivos sobre as duas figuras: o primeiro é planejador, procura segurança, vai preparado para suas viagens; por outro lado, o segundo é

> alguém que se prepara previamente e que percorre grandes distâncias em busca da origem, dos elementos que permitem fazer a ligação entre o passado, o presente e o futuro e viabilizam o verdadeiro conhecimento do espaço visitado, procurando o desconhecido (mesmo que seja desconhecido apenas para ele próprio, evidentemente), estando aberto a percursos e horários não planejados e procurando a imersão na cultura do anfitrião" (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, P.89)

Sob essa descrição, a revista *Travel in Brazil*, publicada em inglês, voltada para divulgar as possibilidades de turismo no País, foi editada por Cecília Meireles, teve quatro números publicados em 1941 e outros quatro em 1942. A editora, por sua cultura erudita, por ser prestigiada nas Letras nacionais e por ter um histórico de viagens, foi convidada pelo DIP para a organização da revista. Cecília soube encontrar caminhos para coordenar e escrever textos para a Revista de modo sensível e inteligente, "apesar de ter de se submeter às rígidas normas de censura da época e à imagem modernizadora e 'arianizadora' que o DIP queria divulgar interna e externamente do Brasil através da revista" (ROMANO, 2019, P.21), assim como seus colegas escritores contribuintes com a revista: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tasso da Silveira, Menotti Del Picchia, entre outros.

O DIP, criado pelo Decreto Lei 1915, de 27/12/1939, comandou o controle do Estado nas comunicações: divulgação, radiodifusão, cinema e teatro, turismo, imprensa e "serviços gerais" (serviços extras de jornalistas, escritores, artistas, fotógrafos e intelectuais, cooptados pelo regime), cujo foco era a difusão do discurso oficial sobre o projeto cultural do País (LUCA, 2011). Segundo Romano (2019, p. 28): "Dentre as inúmeras atribuições desse órgão, cabia também divulgar notícias a respeito de personalidades estrangeiras que visitavam o Brasil e dar-lhes boas recepções para expressarem uma imagem favorável do Brasil em seus países", tais como Walt Disney (idealizador do personagem Zé Carioca, inspirado em estereótipos da cultura brasileira), assim como Carmen Miranda (capa da revista número 2, de 1941), ambos contribuíram para divulgar o Brasil nos EUA e no mundo.

Visando atingir uma audiência internacional para as realizações de Vargas, o DIP enviava regularmente suas publicações para o exterior, assim a r*evista Travel in Brazil*, com muitas ilustrações, escrita integralmente em inglês, capa colorida e projeto gráfico moderno, possuía temas e abordagens ideológicas específicas propostas pelo DIP, que diziam respeito, segundo Romano (2019):

a) à herança europeia (memória, tradições populares, artes);

b) a descrições de belezas das paisagens naturais do Brasil; e,

c) à modernização urbana, industrial e científica do País.

Em suma, a revista oferecia ao turista estrangeiro uma elite europeizada, um país com pessoas educadas, geografia atrativa e vida moderna. Mas fica claro que os colaboradores do periódico conseguiram mostrar uma diversidade cultural do país que ia além das intenções propagandísticas e ideológicas do DIP.

Para o DIP, a difusão, o desenvolvimento e a preservação de elementos culturais eram, em primeiro lugar, meios de propaganda do regime, forma de fazê-lo se perpetuar, à medida que as pessoas o associavam a aspectos positivos (como a difusão da cultura, do turismo, do nacionalismo, da proteção aos trabalhadores etc.). Além de propaganda interna do regime instrumentalizando a cultura, o DIP operacionalizava também o turismo como forma de difundir uma imagem positiva de Vargas e do Estado Novo no exterior.

É por meio desse olhar mais interiorano que aprofundaremos nosso foco, uma vez que a revista poderia oferecer aos americanos uma possível busca de lazer e negócios, como substituto da Europa em guerra, um possível desejo de paz e tranquilidade, bem como fortalecer uma visão da tradição de sutis nuances de hibridismo étnico-cultural do/sobre o Brasil.

Para tratarmos sobre cultura, vamos enumerar os registros em que o termo pode ser compreendido. Por exemplo, diríamos que a cultura pode ser vista:

a) por um registro antropológico como conjunto de crenças, valores e símbolos;

b) sob um viés sociológico como conjunto de “esferas de valor”, na terminologia de Max Weber (2010) – ciência, moral, direito e arte; e,

c) na concepção de registro estético, correspondente a uma diferenciação interna da última “esfera de valor”, a arte: literatura, música, pintura, cinema, teatro e dança.

Ressalta-se que Weber (2010) entende que as esferas de valor se inter-relacionam formando a estrutura social (econômica, política, estética, etc.). É por esse entendimento que vamos traçar nossa análise dos quatro textos vindouros e projetar nosso objetivo específico: analisar os artefatos do interior brasileiro, que foi abordado por escritores renomados no período da guerra, período em que a política cultural de Vargas (a partir de 1930) exaltava as grandes capitais brasileiras, a modernidade, a industrialização.

2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O texto "Música Brasileira" publicado no vol. 1, nº 1, de 1941, por Mário de Andrade, traz à tona a arte da música brasileira como elemento identitário e original das Américas, principalmente com o uso de instrumentos usados na musicalidade nativa para compor o ritmo "brasileiro". O autor aborda um itinerário histórico da música no Período Colonial, citando Recife, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, onde a tradição era a música religiosa, esta, segundo Mário de Andrade, unia o povo heterogêneo (portugueses e indígena). Andrade também faz o registro da música do século XVIII, com a criação de uma música nativa denominada "modinha brasileira, esta veio dos salões aristocráticos de Lisboa, chegou ao Brasil e se expandiu, tomando feições próprias, em seguida saiu dos salões e ganhou às ruas, com forma híbrida (culta e popular), usando a viola, cuja essência é a influência folclórica. Após a independência do Brasil, Andrade considera que a música se torna cada vez mais profana em relação à música sacra predominante no período colonial, principalmente com a inserção do piano (modinha, canções de amor burguesa, ópera europeia).

O autor refere-se a vários musicistas como Pedro Nunes Garcia, Francisco Manuel da Silva (autor do Hino do Brasil), Carlos Gomes (autor de *O Guarani* e *O Escravo*), Alexandre Levy, Alberto Nepomuceno, Henrique Oswaldo, Villa-Lobos (esteve na Semana de 1922), Lourenço Fernandez, Luciano Gallet. O texto vai nominalizando muitos artistas, de diversas regiões do Brasil, fecundando talentos fora dos centros urbanos, talvez querendo informar que a nacionalização da música pós-1ª guerra, bem como a documentação de canções folclóricas e músicas populares brasileiras.

Mário de Andrade deixa claro em seu texto a postura de abordagem e pesquisa de manifestações folclóricas, com autores fora dos centros urbanos, mas sim de musicistas do interior, com temáticas mais brasileiras nativas, tudo isso com objetivo de investigar os elementos formadores da nacionalidade e das pesquisas etnográficas, particularmente de manifestações musicais folclóricas.

Já o texto "Rendas artesanais brasileiras" escrito por Nóbrega da Cunha, na revista *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 1, de 1941) informa sobre a produção de rendas na região Nordeste brasileira, este lugar sofreu forte influência da colonização holandesa.

O autor escreve o texto em 1ª pessoa e vai desenhando o Recife do príncipe Maurício de Nassau e as famílias holandesas vindo habitar a região, elas trouxeram, segundo o autor, refinamento e alto padrão de vida da terra natal ao povo brasileiro local, e as mulheres foram responsáveis de tal feito.

Sabe-se que o interesse dos holandeses no Nordeste era a expansão e a necessidade de manter o controle sobre o comércio de açúcar e lucros no tráfico de escravos. Holanda (1995) descreve os holandeses como muito metódicos, trouxeram artistas e cientistas para Pernambuco e edificaram palácios, um observatório astronômico, reurbanizaram as cidades de Recife e Olinda. Os colonos holandeses tinham a intenção de ficar e fazer da nova terra, uma continuidade da Holanda. No entanto, o problema apontado pelo historiador é que a Holanda era já um país rico para a época e poucos queriam se arriscar a deixar a vida que levavam para virem habitar e colonizar uma terra distante e desconhecida, dadas as boas condições de vida de que essas pessoas desfrutavam em seu país. Mesmo assim o governo holandês enviou muitas pessoas, inclusive soldados mercenários, provenientes de outras partes da Europa, mais empobrecidas.

Nóbrega aborda o papel das mulheres nas atividades artesanais com as rendas: fabricação própria, sustento com a venda desse artefato, um elemento típico da região nordeste, porém, ao lado dessas tecelãs, há também a produção de rendas industriais nas grandes cidades (São Paulo e Rio de Janeiro) e a importação de rendas estrangeiras, sendo que o público consumidor de alta renda no Brasil preferia (e prefere) as rendas importadas e as industriais. Esse tipo de concorrência afeta a valorização cultural local, bem como os desafios econômicos das rendeiras.

O autor explicita que as rendas possuem duas funções no Brasil: de um lado, o embelezamento das casas; de outro, fonte de renda. O primeiro, cultura trazida da Holanda, bem como uma mulher que cuida da casa fazendo ornamentação; já o segundo, mostra a cooperação de mulheres negociadoras do Nordeste para o Sul, um símbolo da sobrevivência e independência delas. Mas certamente, como já mencionado, dentro de um mercado de concorrências com a indústria das rendas dentro e fora do Brasil.

Ficou em evidência no texto a importância da cidade de Fortaleza, como centro desse tipo de artesanato. O autor finaliza afirmando que a renda brasileira é muito semelhante à europeia, ainda diz que não tem como as discernir.

O outro texto intitulado “Jangada e Jangadeiro”, de Raimundo Magalhães Jr. (V. 2, nº 1, 1942) aborda, de maneira metalinguística, o que seria uma jangada original do Nordeste. O autor inicia o texto abordando a significação pelo dicionário, explicitando na obra de Júlio Verne, compara-a a canoas dos nativos das Ilhas do Pacífico, aborda a história em que os pescadores fizeram uma adaptação daquela dos indígenas. O autor é bem enfático e minucioso na descrição desse artesanato, pois informa detalhes do tamanho de cada peça da jangada, assim como as nominaliza uma a uma com os nomes oriundos de línguas dos povos primitivos do Brasil.

R. Magalhães Jr., com muita propriedade, diz que a jangada nordestina é típica brasileira, mas que há diferenças entre as construídas em Recife das do Ceará. E ainda mais: o piloto desse tipo de embarcação, o jangadeiro, que é o pescador artesanal, aquele que vai atrás do peixe, o velejador instintivo, é forte, destemido e heroico.

O autor se utiliza de uma estilística metafórica para escrever seu texto, utilizando-se de expressões relacionadas ao jangadeiro e à jangada, cuja descrição é o cenário romântico onde ambos se ancoram, comparando-as ao artesanato feito à mão, fazem oposição à vida moderna, traduzem um sentimento de tranquilidade e vida simples.

Por fim, o texto “Bonecas brasileiras” não assinado (Vol. 2, nº 1, de 1942) remete a autoria de Cecília Meireles, que era uma estudiosa do folclore, bem como indicia a outros textos com mesmo teor de conteúdo e regularidade de assuntos brasileiros.

A narrativa expõe uma visão geral de várias regiões que possuem bonecas artesanais típicas, estas representantes da cultura popular, preservadas em certos grupos sociais. Foram descritas bonecas artesanais do Pará e a principal representante do Brasil, a boneca baiana, esta costurada em casa pela avó, feita de meia velha preta, com bordado em linha branca para fazer o olho e a boca com linha vermelha, cujo vestido é o tradicional das negras baianas.

Embora a autora tenha feito uma volta ao passado quando se faziam essas bonecas, encontradas nas casas humildes e pobres (focaliza o grupo social), porém há uma transição, quando surgem as bonecas manufaturadas, descritas como “nada encantadoras” (MEIRELES, 1942, p.19).

Cecília Meireles faz uma relação entre as bonecas e a representação da História do Brasil: as contribuições do artesanato indígena, a influência cultural dos europeus e dos negros no Brasil. Ou seja, a construção híbrida cultural de artefatos representativos não dos centros urbanos, mas vinculação da memória histórica da construção da nacionalidade. Dessa forma, o desaparecimento das atividades artesanais, como as bonecas, em função da modernização e urbanização crescente do país desvaloriza as tradições, fazendo com que exista apenas uma coleção delas, deixando de lado a experiência tanto da ação do "fazer" (artesanato), quanto da ação do "brincar".

A revista, ao publicar textos cujos conteúdos são específicos de temas sobre o interior do Brasil, além de temas como as capitais, centros urbanos, automóveis, personalidades, arquitetura, etc., demonstra a memória a partir do período colonial, admitindo que portugueses, franceses, espanhóis e holandeses colonizaram as regiões, trouxeram civilização, cultura, intelectualidade; e o brasileiro, povo mestiço, resultante das relações entre europeus, africanos e indígenas se apropriou de tudo isso e fez adaptações, criando, assim, as culturas brasileiras.

A partir dos textos selecionados, há uma convergência de elementos artesanais: música, renda, jangada e boneca. Os autores, com conhecimento aprofundado sobre cultura e folclore, utilizaram-se dos detalhes e sugeriram em suas produções escritas uma tentativa de fazer da revista um canal de divulgação do Brasil ressaltando aspectos da cultura dos interiores do país, resultantes das influências das misturas dos vários povos que aqui se encontraram, tais como portugueses, holandeses, africanos e indígenas. E, nesse sentido, esses artigos se diferenciam dos textos dominantes publicados na *Travel in Brazil*, que tendem a divulgar aspectos urbanos, paisagens e monumentos históricos do Brasil, que vinculariam o país mais diretamente a tradições europeias.

Mesmo os escritores sabendo do protagonismo do DIP e seus vieses, conseguiram valorizar a tradição, mesmo que de forma tímida dentro da revista. Assim sendo, nos quatro textos, fica notório o entendimento que os elementos artesanais possuem uma mistura de culturas na sua origem, isto é, indígenas, europeus e africanos sempre uniram culturas para a formação de artefatos, o que se pode interpretar como o nascimento das culturas brasileiras.

Fica clara também a evolução dos quatro artefatos culturais citados nos textos, esses sofreram modificações ao passar do tempo, bem como existe uma variedade do artesanato em diferentes regiões. Sobre o primeiro, a mudança do artesanal para o industrial gerou impactos de extratos sociais, pois quando se faz o artefato com materiais simples, fica evidente a relação entre sujeitos, mundo do trabalho, cultura e tradição; o que se diferencia da produção de manufaturas, pois há valorização do moderno: o artesanato se transforma em comércio, o valor estético impõe-se àquilo espontâneo, a tradição cultural é rompida, ficando apenas na nostalgia, no caso das bonecas e alguns gêneros musicais. Já o segundo, a variedade artesanal em diferentes regiões, como é o caso das bonecas, das músicas, tipos de jangadas e rendas traduzem diferentes papéis sociais e objetivos naquele grupo cultural.

A jangada foi uma embarcação indígena, adaptada, tornou-se maior e ficou típica do nordeste; a boneca feita de meia: rapidamente foi exposta para fazer parte de coleção que rememora o Brasil, pois são criações domésticas, de dentro das casas dos senhores, que representavam também a vida dos escravos, além dos indígenas e dos imigrantes e colonizadores europeus; a música, desde os jesuítas, misturando-se a dos indígenas, negros e europeus, tornou-se brasileira; a renda, vinda da Holanda, dos grandes palácios,

ganhou traços e desenhos da realidade do Brasil e se tornou uma grande representação do Nordeste.

O DIP com sua divulgação sobre a imagem positiva do Brasil e do regime de Vargas conseguiu atingir seus propósitos, porém, a partir da seleção dos textos de Mário de Andrade, Nóbrega da Cunha, Raimundo Magalhães Jr. e Cecília Meireles mostram que havia uma tensão subjacente entre os objetivos desse órgão e a visão de Brasil desses autores, que não faziam mera propaganda de aspectos modernos, paisagens agradáveis e pessoas de origem europeia, mas procuravam mostrar também que o Brasil era mais diverso cultural e etnicamente do que aquilo que o governo procurava mostrar.

Afinal, o Brasil, enquanto nação, só existe a partir do processo colonial. Logo, o povo e a cultura brasileiros são resultados da mistura de diversas culturas, originando o que podemos chamar de "brasileira": os indígenas, que já estavam aqui, os europeus e os africanos que vieram transplantados para cá, fizeram a miscigenação. Apesar dos europeus, à época, exercerem poder sobre os outros dois, as misturas culturais e étnicas, muitas vezes, transcendem o poder. Da mesma forma, os autores dos textos analisados não deixaram a supremacia para nenhuma cultura, mas foram unânimes em reconhecer a miscigenação na criação do artesanato brasileiro para a construção da cultura, memória e história do Brasil num determinado momento histórico para um determinado país.

3. CONCLUSÃO

O Brasil, à época do Estado Novo, na preocupação de prosperar na economia e política, fez acordos com os Estados Unidos cujo propósito comercial, no intuito de fomentar venda de produtos brasileiros, a fim de satisfazer os interesses dos cafeicultores e demais elites agrícolas de gêneros exportáveis; e por meio do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores e, principalmente, o DIP enxergavam na política externa a solidificação do governo Vargas. Dessa forma, a estratégia, por meio da revista *Travel in Brazil* foi uma maneira de divulgar o País aos norte-americanos.

Em si, observamos uma dicotomia: cultura-civilização. A cultura designa simplesmente a esfera simbólica (jangada, música, boneca, renda), enquanto a civilização alude à reprodução material da vida (a economia e a técnica), como assinala Weber (2010). Assim, o fundo histórico de 1941 e 1942, por meio de textos que referenciam o interior brasileiro e suas principais representações de artesanatos traduzem uma preocupação dos escritores para a divulgação do nacionalismo desde o período colonial, mesmo que a revista estivesse preocupada com os feitos mais recentes sobre a modernização do Brasil: avenidas, prédios, indústrias, personalidades brasileiras e estrangeiras, etc.

Portanto, aludir o Brasil com suas tradições é conhecer a memória e a história da nação multicultural, é conhecer o país mais diverso (cultura e etnia) que aquele Brasil que o DIP pretendia divulgar no exterior, fazendo com que o leitor em potencial da revista fosse um turista e, principalmente, um viajante, com isso alcançaria o propósito do DIP e do conteúdo cultural da revista.

REFERÊNCIAS

[1] HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914 -1991)São Paulo: Cia das Letras,1995.

[2] HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

[3] LUCA, Tania Regina de. "A Produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em Acervos Norte-Americanos: Estudo de Caso" In. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 61.

[4] São Paulo: 2011.

[5] MARTES, Ana Cristina Braga. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra.** Disponível em https://www.scielo.br/j/rae/a/XvXd5BB49pNbxYwBf8VWzpv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 28/05/2022.

[6] NETO, Lira. **Getúlio 1930-1945** – Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

[7] QUINTEIRO, Sílvia e BALEIRO, Rita. **Estudos em Literatura e Turismo**: Conceitos fundamentais. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.

[8] ROMANO, Luís Antônio Contatori. **A poeta-viajante**: uma teoria poética da viagem contemporânea nas crônicas de Cecília Meireles. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

[9] _____. **Cecília Meireles e a Travel in Brazil (1941-1942).** São Paulo: Intermeios, 2019.

[10] _____. Uniletras, Ponta Grossa, v. 38, n. 1, p. 53-70, jan/jun. 2016 Disponível em:

[11] http://www.revistas2.uepg.br/index.php.uniletras> Acesso em 31/05/2022.

[12] WEBER, Max. A ciência como vocação. In: _____. **Ensaios de Sociologia**. Org. H.H. Gerth e C. Wright Mills; 5. ed; Rio de Janeiro: LTC, 2010.

Capítulo 3

Discursividade do/sobre artefato cultural popular na revista estadonovista Travel in Brazil, no texto "Bonecas brasileiras", de 1942

1. INTRODUÇÃO

O objetivo é entender a discursividade de enunciados aplicando conceitos de Althusser com o conceito de Aparelhos Ideológicos de estado e Foucault a partir do dispositivo colonial. O contexto histórico da revista *Travel in Brazil* é o ano de 1942, período governado por Getúlio Vargas, nesse ínterim construiu o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), comandado por Lourival Fontes, cujo primeiro objetivo era a revista ser uma espécie de guia de turismo para estrangeiro. A revista foi escrita toda em inglês e distribuída somente no EUA, com 8 volumes.

Pela trajetória da análise do discurso, pela análise do texto denominado "Bonecas Brasileiras" (Vol. 2, nº 1, 1942) é um aparelho ideológico de estado e também de repressão, como configura Althusser (2019), que preconiza o poder estatal, cujo domínio vem do presidente e seus ministérios, baseado no sistema de governo fascista (ditatorial) e implantado pelo DIP com censurador da mídia e principal divulgador da ideologia do governo.

Na abordagem da formação discursiva, proposta por Foucault (2014), o discurso ditatorial de Vargas/DIP promove estratégias que vão ao encontro do fascismo e do poder advindo de cima para baixo (presidente-povo) com machismo, preconceito, racismo, etc.

Portanto, o texto ao retratar as bonecas descritas na Bahia e no Pará, aquelas produzidas artesanalmente por indígenas, negros e europeus são amostras do dispositivo como aquilo que 1) não é atemporal, 2) está produzindo e se reproduzindo (ou se transformando) no próprio calor das lutas, no estado de forças e 3) não centraliza um processo, mas descreve um nó verificável e histórico de encontro entre saberes e poderes.

A revista *Travel in Brazil* tematiza o artefato do interior do Brasil como elemento cultural, cujo propósito do autor é mostrar o país com uma maior pluralidade cultural e étnica, mas isso sempre dentro dos limites impostos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão governamental com propósitos específicos para a política Varguista.

A Era Vargas (1930-1945), como é chamado o período em que Getúlio Vargas governou, foi marcada por importantes acontecimentos na política e na economia brasileira. Com a instalação do Estado Novo, que durou de 1937 a 1945, Vargas criou uma polícia política, a Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESP), que atuava contra opositores do regime e era responsável por investigar e prender qualquer pessoa que praticasse atividades suspeitas. Vargas também criou o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, que era encarregado de fazer propagandas a favor do presidente e do governo. Foi através do DIP que foi criado o programa de rádio "Hora do Brasil", em que Vargas fazia discursos que eram transmitidos para todo o país, se aproximando mais da classe trabalhadora, pois era um aparelho que todos tinham em casa.

O DIP em sua conjuntura política e ideológica criou a revista *Travel in Brazil* com propósitos turísticos, foi escrita em inglês e somente foi divulgada nos Estados Unidos, que segundo Romano (2019, p. 13),

> teve oito números editados entre 1941 e 1942, era uma publicação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas destinada a divulgar o turismo no Brasil para um público estrangeiro, especialmente o norte-americano.

Essa revista surge em um contexto em que Hobsbawm (1995) denomina de "A Era dos Extremos", numa sequência que durou mais de vinte anos: Mussolini inaugurou o cortejo, ao tomar o poder na Itália, em 1922. Seguiram-se Salazar em Portugal (1932), Hitler na Alemanha (1933) e o general Franco na Espanha (1939). Atravessando o Atlântico, o Brasil teve a "glória" de figurar no cortejo, com o golpe de Getúlio Vargas, implantando o Estado Novo em novembro de 1937.

Assim, o governo getulista, por uma tendência de

> aproximação com os Estados Unidos e os aliados não só era vista como uma possibilidade de o Brasil prosperar com o desenvolvimento de uma indústria siderúrgica própria, a partir da transferência de tecnologia americana, como também com o fluxo de turistas, podia-se expandir a entrada de recursos monetários no país, além de difundir uma imagem positiva da política modernizadora de Getúlio Vargas (ROMANO, 2019, P.14)

Sob esse objetivo, o DIP, com a direção de Lourival Fontes, criava a revista *Travel in Brazil*, cuja intenção era mostrar uma natureza exuberante, em alguns pontos semelhantes à europeia, herdeiro de tradições culturais também europeias e em plena modernização, o que estava ligado diretamente à política desenvolvimentista de Getúlio.

A revista *Travel in Brazil* com propósitos discursivos para divulgar as possibilidades de potencial turístico no Brasil ao público americano, convidava o estrangeiro a conhecer a pátria brasileira, este "turista", segundo Romano (2016, p.54):

> seria aquele que transita entre espaços estrangeiros, buscando percorrer o maior número possível e apropriar-se deles por meio da miniaturização fotográfica. O viajante é um contemplador, concentra o olhar em determinados objetos, procura observá-los mais demorada e detidamente e põe em movimento uma série de relações intertextuais, derivadas de leituras prévias, mapas, obras de arte, memórias de infância, outras viagens.

Sob essa descrição, a revista *Travel in Brazil*, publicada em inglês, voltada para divulgar as possibilidades de turismo no País, foi editada por Cecília Meireles, teve quatro números publicados em 1941 e outros quatro em 1942. A editora, por sua cultura erudita, por ser prestigiada nas Letras nacionais e por ter um histórico de viagens, foi convidada pelo DIP para a organização da revista. Cecília soube encontrar caminhos para coordenar e escrever textos para a Revista de modo sensível e inteligente, "apesar de ter de se submeter às rígidas normas de censura da época e à imagem modernizadora e 'arianizadora' que o DIP queria divulgar interna e externamente do Brasil através da revista" (ROMANO, 2019, p.21), assim como seus colegas escritores contribuintes com a revista: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tasso da Silveira, Menotti Del Picchia, entre outros.

O DIP, criado pelo Decreto Lei 1915, de 27/12/1939, comandou o controle do Estado nas comunicações: divulgação, radiodifusão, cinema e teatro, turismo, imprensa e "serviços gerais" (serviços extras de jornalistas, escritores, artistas, fotógrafos e intelectuais, cooptados pelo regime), cujo foco era a difusão do discurso oficial sobre o projeto cultural do País (LUCA, 2011). Segundo Romano (2019, p. 28): "Dentre as inúmeras atribuições desse órgão, cabia também divulgar notícias a respeito de personalidades estrangeiras que visitavam o Brasil e dar-lhes boas recepções para expressarem uma imagem favorável do Brasil em seus países", tais como Walt Disney (idealizador do personagem Zé Carioca, inspirado em estereótipos da cultura brasileira), assim como Carmen Miranda (capa da revista número 2, de 1941), ambos contribuíram para divulgar o Brasil nos EUA e no mundo.

Em suma, a revista oferecia ao turista estrangeiro uma elite europeizada, um país com pessoas educadas, geografia atrativa e vida moderna. Mas fica claro que os colaboradores do periódico conseguiram mostrar uma diversidade cultural do país que ia além das intenções propagandísticas e ideológicas do DIP.

Para o DIP, a difusão, o desenvolvimento e a preservação de elementos culturais eram, em primeiro lugar, meios de propaganda do regime, forma de fazê-lo se perpetuar, à medida que as pessoas o associavam a aspectos positivos (como a difusão da cultura, do turismo, do nacionalismo, da proteção aos trabalhadores etc.). Além de propaganda interna do regime instrumentalizando a cultura, o DIP operacionalizava também o turismo como forma de difundir uma imagem positiva de Vargas e do Estado Novo no exterior.

Ao propor neste artigo "a discursividade", baseamo-nos nos conceitos da Análise do Discurso, cientes de que o estudo da linguagem se inscreve nas práticas sociais, assim como o estudo do discurso não existe fora da linguagem, já que história e língua se afetam mutuamente, entendemos a relevância de estudar a revista *Travel in Brazil*, mais precisamente o texto denominado *Bonecas Brasileiras* como materialidade discursiva que é atravessada ideologicamente, marcando o contexto sócio-histórico em que foi produzida e o efeito de sentido que emanam das palavras.

Para este estudo, a metodologia baseou-se na leitura da Revista *Travel In Brazil* (vol. 2, nº 1, de 1942), escrita toda em inglês e distribuída somente nos Estados Unidos, em específico o texto Bonecas brasileiras, sem assinatura autoral do mesmo. O contexto sócio-histórico é dentro do Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas (1937 a 1945).

O texto selecionado para análise é uma vertente cultural e de turismo de conteúdo, que retrata o Brasil de um prisma não idealizado pelo DIP e ideologia do Estado Novo. Essa seleção merece destaque, principalmente pelo ano em recorte, que é de 1942, tempo que em Portugal também ocorria o Estado Novo (ideologia de cunho fascistas também), liderado por Antônio Salazar, e nascia a revista *Panorama*, cujo foco era a cultura e o turismo de terras portuguesas.

No que concerne ao material selecionado, a revista foi uma das materialidades escolhidas porque possui um papel mediador entre o público leitor americano e a realidade do Brasil (e do mundo no tocante ao período entre-guerras). Entretanto, ao relatar um acontecimento, o sujeito-jornalista o faz de determinado posicionamento, construindo a narração dos acontecimentos de maneira a enquadrar-se nos interesses da revista e/ou DIP, rompendo com o mito de que ela é um espelho da realidade. Já o texto sobre cultura foi selecionado porque é ele que apresenta e direcionam o olhar do leitor estrangeiro para a forma com que se deve entender o Brasil.

Em respeito às teorias discursivas, utilizamos os postulados de Louis Althusser (2019) e Michel Foucault (2014), o primeiro com uma análise sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado e o segundo com recorte do Dispositivo Colonial. Ambos congregam uma relação de poder no contexto da ditadura de Vargas com suporte do DIP e a representatividade social do meio histórico.

Os veículos de comunicação de massa, mais precisamente a mídia impressa, como as revistas, possuem um papel mediador entre seu público leitor e a realidade. Contudo, ao relatar um fato, o sujeito-jornalista/escritor o faz de determinada posição discursiva, modulando a narração dos acontecimentos de forma a enquadrar-se nos interesses da revista, o que rompe com a falácia de que a revista retrata a realidade tal qual ela é. O discurso jornalístico acrescido do fator tempo produz um material rico para os estudos althusseriano e foucaultiano, permitindo o acesso aos sentidos que circulavam na época estadonovista e que se refletem até hoje na sociedade brasileira.

Para a construção teórica, buscamos Louis Althusser (2019) e suas imbricações dos Aparelho Ideológicos de Estado no contexto em que a mídia/comunicação será nosso AIE; bem como Michel Foucault (2014) em sua abordagem de Dispositivo Colonial, destacando como a revista reforça preceitos racistas, propagando uma ideia colonial sobre o Brasil e suas regiões.

Althusser (2019) afirma que a ideologia compreende uma existência material pois "uma ideologia sempre existe em um aparelho, em sua prática ou de práticas." Ela sempre se manifesta através de ações, que estão inseridas em práticas, por exemplo, rituais, comportamentos convencionais, etc. Esta reprodução ocorre, em grande parte, através da superestrutura jurídico-política e ideológica. Em outras palavras, é o aparelho de estado, formado pelos ARE e pelos AIE que garante tal reprodução.

A diferença básica entre os Aparelhos Repressivos de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) é que os ARE se utilizam predominantemente de argumentos repressivos e coercitivos para atingirem seus objetivos. Já os AIE utilizam predominantemente a ideologia para manter sua dominação. São integrantes dos AIE, dentre outros, o sistema de diferentes Igrejas, o sistema escolar (tanto público quanto privado), o sistema familiar, o sistema jurídico, o sistema político, o sistema sindical, o sistema de informação e o sistema cultural.

Por outro lado, a partir de Foucault, Lisbôa (2020, p. 8), diz:

> Refletir sobre objetos de estudos vinculados às opressões de sujeitos subalternizados na América Latina pela colonização a partir dos estudos discursivos muitas vezes exige amarrações epistemológicas desconexas. O dispositivo colonial é fruto dessa necessidade de um aparato teórico-metodológico que permita de forma mais coesa a ligação dos estudos do discurso com a colonialidade e é necessário o percurso reflexivo(...), a fim de apontar as aproximações possíveis para tal elo, uma vez que, de fato, não é dada tal incursão.

As materializações do dispositivo colonial se dão nas engrenagens do funcionamento estrutural da sociedade, tais como: leis, instituições estatais e religiosas, políticas públicas/ações governamentais, produções midiáticas etc., todas se retroalimentando com proposições de normalização de um padrão eurocêntrico e liberal

fundamentado no racismo, no heterossexismo, no machismo e na exclusão das camadas mais pobres e de povos/grupos que propõem outros projetos de sociedades não alinhados com o projeto liberal capitalista.

É importante ressaltar que Foucault (2014) não desconsidera a noção de aparelho ideológico estatal, não é o lugar onde está concentrado o poder, mas é a matriz em que há o exercício eficiente do poder. Quando Althusser (2019) fala de poder estatal, é abordado sobre ter o controle dos aparelhos de estado, ou seja, controle ideológicos e repressivos.

Outra importante referência foucaultiana para esta pesquisa é formação discursiva, a qual o sujeito será deslocado do centro da análise e as posições serão colocadas em jogo, a situação imediata será elaborada como parte de um sistema, em conjunto com a possibilidade de se observar regularidades no discurso.

Para elaborar a noção de formação discursiva, Foucault (2014) buscou aquilo que poderia ser considerado uma unidade na formulação dos discursos, aquilo que poderia lhes conferir uma harmonia. Foucault (2014) estabelece diferentes hipóteses de regularidade com diferentes elementos e as coloca à prova, ao citam-se: a) regularidade do objeto; b) regularidade dos modos enunciativos; c) regularidade dos conceitos; e, d) regularidade das estratégias, todos serão analisados no subcapítulo posterior.

2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A revista, ao publicar textos cujos conteúdos são específicos de temas sobre a cultura do Brasil, além de temas como as capitais, centros urbanos, automóveis, personalidades, arquitetura, etc., demonstra a memória a partir do período colonial, admitindo que portugueses, franceses, espanhóis e holandeses colonizaram as regiões, trouxeram civilização, cultura, intelectualidade; e o brasileiro, povo mestiço, resultante das relações entre europeus, africanos e indígenas se apropriou de tudo isso e fez adaptações, criando, assim, as culturas brasileiras.

O texto não assinado (Vol. 2, nº 1, de 1942) remete a autoria de Cecília Meireles, que era uma estudiosa do folclore, bem como indicia a outros textos com mesmo teor de conteúdo e regularidade de assuntos brasileiros. A narrativa expõe uma visão geral de várias regiões que possuem bonecas artesanais típicas, estas representantes da cultura popular, preservadas em certos grupos sociais. Foram descritas bonecas artesanais do Pará e a principal representante do Brasil, a boneca baiana, esta costurada em casa pela avó, feita de meia velha preta, com bordado em linha branca para fazer o olho e a boca com linha vermelha, cujo vestido é o tradicional das negras baianas.

Pela linha epistemológica da Análise do Discurso, baseada em nosso referencial teórico, destacamos algumas características de memórias:

1. Getúlio Vargas, fascista, ditador, deu um golpe político de estado (Estado Novo – Plano Cohen, 1937);
2. Revista *Travel in Brazil*, escrita toda em inglês e circulou apenas nos EUA;
3. DIP, aparelho ideológico de estado e repressor, principalmente da mídia impressa e detentor exclusivo da edição da revista;
4. Texto Bonecas Brasileiras, não neutro, ideológico por natureza e possui regularidades discursivas, conforme teoria foucaultiana.

Baseado nessas características, não há dúvidas o quanto o ARE e o AIE fazem valer o poder, conforme enuncia Althusser (2019), alicerçando também o que Foucault (2014) entende como microfísica do poder, sobretudo como entende a arqueologia do saber.

Numa análise mais específica, considerando os enunciados do texto *Bonecas Brasileiras* e seus enunciados, temos as seguintes considerações:

Enunciado 1: Uma das coisas mais pitorescas do folclore de um povo são as "bonecas", representando, como elas fazem, os tipos populares das diferentes regiões.	Uso da expressão "pitoresca" para retratar a cultura do Brasil; tipificação de regiões com o tipo de artesanato ao empregar "tipos populares".
Enunciado 2: Hoje, essa boneca é apenas encontrada nas casas mais humildes e pobres; em outras foi substituída por bonecas manufaturadas, nem um pouco encantadoras.	"humilde e pobre" traz uma semântica de regularidade sobre o interior do Brasil abordando o tema cultura. Há o interdiscurso literário entre o Romantismo (cultura/nacionalismo) e o Modernidade (retomada da cultura singular, que é o artesanato, demonstrando o nacionalismo).
Enunciado 3: As bonecas apresentadas nestas páginas são do Estado do Pará, e se elas não apresentam nenhuma novidade em seus vestidos, elas representam graciosamente as atividades dos homens e mulheres daquela região; seu trabalho no campo, na cidade, e em casa; todas impregnadas com a doçura que é exclusivamente Brasileira.	"graciosamente" e "doçura" são expressões que remetem às mulheres, propiciando o machismo e preconceito já explorados na cultura à época.
Enunciado 4: Primeiro havia os Índios, com seus arcos e flechas, serpentes e penas. Depois vieram os Europeus brancos, para arar o solo, criar ranchos e explorar esse imenso território. Finalmente, os sorridentes negros chegaram, a cujas mãos todos os trabalhos domésticos foram destinados; cozinhar, lavar etc., e qualquer outra forma de ajuda necessitada pelos seus patrões.	"índios", "negros" e "Europeus", demonstra a regularidade de raça e gênero em par de igualdade, sem nenhuma crítica ou revelando pluralidade cultural.
Enunciado 5: Essas bonecas são tão naturais que parecem estar vivas, especialmente os negrinhos, que parecem que estão quase para cantar uma canção alegre.	"negrinhos... canção alegre" também retrata uma realidade não natural àquilo que se passa em 1942.

3. CONCLUSÃO

O texto denominado "Bonecas Brasileiras", publicado na revista *Travel in Brazil*, em 1942, é um aparelho ideológico de estado e também de repressão, como configura Althusser (2019), preconiza o poder estatal, cujo domínio vem do presidente e seus ministérios, baseado no sistema de governo fascista (ditatorial) e implantado pelo DIP com censurador da mídia e principal divulgador da ideologia do governo.

Na abordagem da formação discursiva, proposta por Foucault (2014), o discurso ditatorial de Vargas/DIP promove estratégias que vão ao encontro do fascismo e do poder advindo de cima para baixo (presidente-povo) com machismo, preconceito, racismo, etc.

Portanto, o texto em análise, de Cecília Meireles, possui um sujeito com regularidade do objeto, trazendo temas sociais e culturais em que o governo e o Estado são dominantes; regularidade dos modos enunciativos, isso perfaz o preconceito, racismo e autoritarismo do Estado; por fim, regularidade dos conceitos.

REFERÊNCIAS

[1] HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914 -1991). São Paulo: Cia das Letras,1995.

[2] LUCA, Tania Regina de. "A Produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em Acervos Norte-Americanos: Estudo de Caso" In. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 61. São Paulo: 2011.

[3] ROMANO, Luís Antônio Contatori. **A poeta-viajante**: uma teoria poética da viagem contemporânea nas crônicas de Cecília Meireles. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

[4] _____. **Cecília Meireles e a *Travel in Brazil* (1941-1942).** São Paulo: Intermeios, 2019.

[5] LISBOA, Flávia Marinho. **O dispositivo colonial:** entre a arqueogenealogia de Michel Foucualt e os estudos decoloniais, Revista Moara/ Estudos Linguísticos Edição 57, Vol. 2/jan -jul 2021 ISSN: 0104-0944, 2020

[6] FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2014.

[7] PALLOTTA, Julien. O Efeito-Althusser sobre Foucault: da Sociedade Punitiva à Teoria da Reprodução. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.7, n.1, abr. 2019, p. 15-29.

Capítulo 4

Comparação dos sumários das revistas Travel in Brasil e Panorama: a perspectiva do turismo literário

1. INTRODUÇÃO

O período após a Primeira Guerra Mundial foi marcado por uma enorme instabilidade política, com graves problemas de segurança e autoridade, a crise das democracias europeias e da Américas do Sul, aliada à desilusão do povo para com os políticos, seu clientelismo, corrupção e incompetência, bem como expansão do comunismo influenciaram uma crescente simpatia pelas soluções autoritárias militares em Portugal e no Brasil

O mundo, a partir da década de 1920, seguia uma tendência mundial de radicalização política, a qual se consolidou por uma série de regimes totalitários, entre as quais podem-se citar o stalinismo soviético, o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália, o franquismo na Espanha, o salazarismo em Portugal e o varguismo no Brasil, entre outros. Aplicar ditatura, seria na concepção romana, um mal necessário a fim de que a ordem social fosse restaurada; no entanto, não foi assim concebida e muito menos desenvolvida no século XX, em especial no Brasil e em Portugal (TORGAL, 1989).

Em 1926, em Portugal, militares assumem o poder; sete anos depois António de Oliveira Salazar assumiu ao cargo de Presidente do Conselho de Ministros (1933 a 1974), no âmbito do regime ditatorial designado como Estado Novo, em que ao mesmo tempo nomeou Antônio Ferro para o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) no ano de sua posse, nesse momento consolidando o poder, o qual desenvolveu Política do Espírito que condicionou o slogan "Deus, Pátria e Família", a fim de ressignificar as raízes portuguesas nas tradições populares. Com isso a propaganda do regime baseada no passado nacional converteu-se num poderoso instrumento ideológico. O Estado Novo português caracterizou-se pelo seu conservadorismo tradicionalista, católico, nacionalista e imperialista.

Já no Brasil vigorou também um regime ditatorial com a denominação de Estado Novo, abrangendo o período em que Getúlio Vargas governou o país, de 1937 a 1945. Para dar provimento de sua política, cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939, sob responsabilidade de Lourival Pontes, cuja responsabilidade era difundir a ideologia do regime por meio da propaganda política. A Era Vargas foi marcada pelo autoritarismo, censura e centralização do poder.

Observa-se o quanto esse regime homônimo tem em comum nos dois países, mas aqui vamos traçar o que cada ditadura, em sua especificidade, buscava difundir. Enquanto Salazar possui um sentimento quase romântico de nostalgia por um tempo medieval presumivelmente perfeito nos seus valores morais, promoveu a cristalização de valores mais tradicionalistas e ruralistas associados a um tempo passado, um discurso nacionalista e o tradicionalismo conservador, bem como corporativismo e defesa dos valores morais católicos. Por sua vez, Getúlio Vargas, enquanto líder, era capaz de combater a ameaça comunista e promover a política desenvolvimentista nacional, preocupado em fazer alianças internacionais, modernização da indústria e da infraestrutura das grandes cidades, elevar a política do Brasil (LUCA, 2011).

Visualiza-se que ora Vargas, ora Salazar estão afastados em seus objetivos gerais de governança: o primeiro pensa em internacionalização; o segundo em nacionalização. Todavia, o ponto em comum é a pátria. Para retratar essa terminologia, que será nosso condutor de análise entre as duas ditaduras, o caminho será por meio da revista brasileira *Travel in Brazil* e da portuguesa Panorama.

A revista *Travel in Brazil*, publicada em inglês, voltada para divulgar as possibilidades de turismo no país, foi editada por Cecília Meireles, teve quatro números publicados em 1941 e outros quatro em 1942. A editora-chefe, por sua cultura erudita, por ser prestigiada nas Letras nacionais e por ter um histórico de viagens, foi convidada pelo DIP para a organização da revista. Cecília soube encontrar caminhos para coordenar e escrever textos para a Revista de modo sensível e inteligente, "apesar de ter de se submeter às rígidas normas de censura da época e à imagem modernizadora e 'arianizadora' que o DIP queria divulgar interna e externamente do Brasil através da revista" (ROMANO, 2019, p.21), assim como seus colegas escritores contribuintes com a revista: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tasso da Silveira, Menotti Del Picchia, entre outros. A revista *Travel in Brazil* com propósitos discursivos para divulgar as possibilidades de potencial turístico no Brasil ao público americano, convidava o estrangeiro a conhecer a pátria brasileira.

Já *Panorama: revista de arte e turismo* foi editada mensalmente em Lisboa entre 1941 e 1974 pelo então denominado Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), sob a superior direção de António Ferro (até 1949), cujo propósito escrito no preâmbulo: "Integrar os portugueses no pensamento moral que deve dirigir a Nação". Participaram da revista Teixeira de Pascoaes, Almada Negreiros, Aquilino Ribeiro, Ruy Cinatti, Vitorino Nemésio, Natércia Freire, entre outros. A revista na década de 1940 propagou a pintura, a escultura, o desenho e a arquitetura, sobretudo para sublinhar a ação fomentadora do Estado Novo (MELO, 2001).

O ponto em comum dessas duas revistas, como dito anteriormente, é a "pátria" e suas nuances, mas imbricada a ela, tem-se o "turismo". Nossa busca material de análise é a Literatura de Turismo, por isso selecionou-se as revistas como concretude de estudo sobre o Estado Novo.

Ao propor neste artigo "literatura de turismo", baseamo-nos no conceito de literatura de turismo proposto por Quinteiro e Baleiro (2017, p.21), o qual refere-se "a um conjunto de textos, que por determinados efeitos intencionais e semânticos, são permeáveis a uma exegese interdisciplinar nas áreas da literatura e do turismo". Esses conceitos são muito recentes e aparecem a partir de 1980, com "Richard Butler (1986), surgiram os primeiros estudos académicos sobre o nicho cultural, no qual se alia a literatura à atividade turística" (IDEM, p.46). Nesse sentido, por mais que à época ainda não existia a terminologia "turismo literário", este trabalho já se apropria de tal termo para analisar o que se fazia nas revistas em estudo, deixando a pesquisa mais atual e com debate aberto para o tema.

2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A *Panaroma: revista portuguesa de arte e turismo* teve sua 1ª edição no ano de 1941, nesse com 5 publicações. As revistas estão disponíveis, em versão digitalizada, no site da Hemeroteca de Lisboa. Visualiza-se que a "*Panorama* era destinada a divulgar o turismo interno em Portugal entre a classe média urbana portuguesa" (VACCARO E ROMANO, 2022, p.2).

Verificam-se, abaixo, o sumário das seis revistas publicadas no ano de 1941, a partir de junho. A revista número 1 inicia com uma introdução retratando o porquê do nome *Panorama* e suas evidências históricas, bem como retrata o forte apelo ao bom

gosto, conforme a doutrina do governo. Fica claro também pela sumarização o quanto a revista é bem organizada em sessões e permanece com o projeto gráfico muito bem definido.

Nº 1, ano 1, junho de 1941

- Apresentação
- Porto de Lisbôa, José Osório de Oliveira
- Primavera... e não se fala das andorinhas, José Osório de Oliveira
- Os campinos, Luís Teixeira
- Campanha do bom gôsto, Luís Ferreira
- Aveiro: primeiras impressões, José de Almada Negreiros
- Exposição do Mundo Português, Ruy Casanova
- Os bailados portugueses: Verde Gaio, Ruy Casanova
- Paisagens e monumentos de Portugal, Ruy Casanova
- Exposição de Os primitivos portugueses, Luís Reis Santos
- Fábulas e parábolas de turismo, Augusto Pinto
- A neve no país do sol, Augusto Pinto
- Angola: legenda da paisagem africana, Castro Soromenho
- Roteiro do vinho português: primeira jornada, Castro Soromenho
- Águas de Monfortinho, Castro Soromenho

Nº 2, ano 1, julho de 1941

- Estrada marginal, Castro Soromenho
- Segunda exposição nacional de floricultura, Castro Soromenho
- Paisagem de Monsanto e das suas almas, Adolfo Simões Muller
- Rio de Janeiro, Luís Norton
- Levem as crianças para o sol, Luís Forjaz Trigueiros
- Círculo Eça de Queiroz, Joaquim Paços D'Arcos
- Fábulas e parábolas de turismo: os três donos do moinho do Zé'Lexandrino, Augusto Pinto
- Praias, Augusto Pinto
- Almada: 30 anos de desenho (1911 – 1941), Carlos Queiroz
- Campanha do bom gosto, Carlos Queiroz
- Casas económicas: janelas abertas para a vida, Carlos Queiroz
- São João, Santo António e São Pedro, Carlos Queiroz

- Nazaré: tema inesgotável, Acácio Leitão
- Bailados portugueses em S. Carlos, L. de T.
- Açores: ilhas perdidas, Vitórino Nemésio
- Roteiro do vinho português: segunda jornada
- O primeiro concurso do Panorama

Nº 3, ano 1, agosto de 1941

- Hidráulica agrícola, Augusto Casimiro
- Festas e romarias, C. Q.
- Fábulas e parábolas de turismo, Augusto Pinto
- O povo no cinema português
- O grupo do leão, Diogo de Macedo
- Portugal, terra de cruzeiros, P. Moreira das Neves
- Figueira da Foz, P. Moreira das Neves
- A água salgada e o sol do litoral português, Olavo
- Arrábida – introdução a um passeio a pé, Orlando Ribeiro
- Campanha do bom gosto, Orlando Ribeiro
- Tomar, Matos Sequeira
- Reportagens imprevistas – um parque romântico no Algarve, António Nunes
- Visão da Guiné, Castro Soromenho
- Roteiro do Vinho Português: terceira jornada, António Batalha Reis

Nº 4, volume 1, setembro de 1941

- A escola naval e o arsenal de Alfeite, Correia de Melo
- Campanha do bom gosto, Correia de Melo
- Feiras e Mercados, Correia de Melo
- Ainda as casas portuguesas, Raúl Lino
- Indústrias Nacionais, o Instituto Pasteur de Lisboa, Raúl Lino
- Quatro novo escultores, Diogo de Macedo
- Os espetáculos de Alcobaça, João Villaret
- Consciência da publicidade, Cândido Costa Pinto
- Fábulas e parábolas de turismo, Augusto Pinto
- Praias portuguesas, praias de tôdas as estações, Augusto Pinto

- Coninbriga, Vergílio Correia
- Madeira, ilha do eterno êxtase, Cabral do Nascimento
- Roteiro do vinho português: quarta jornada, António Batalha Reis

Nº 5 e 6, volume 1º, Dedicados ao Norte, 1941

- Porto de Leixões, Rogério Mendes
- Pôrto, António Cruz
- Minho, C. Q.
- Rio Duro, Armando de Matos
- Palácio de Cristal, Tom
- Museu Soares dos Reis, José Ribeiro
- Trás-os-Montes e Alto Douro, António Arroio
- Solares do Norte, António Arroio
- Marão, Carlos Queiroz
- Viana do Castelo, Armando Vieira Pinto
- Fábulas e parábolas de turismo, Augusto Pinto
- Douro litoral, A. de M.
- Espinho, A. de M.
- Campanha do bom gosto, A. de M.
- Citânia de briteiros, A. de M.
- Guimarãis, Alfredo Guimarãis
- Presépios portugueses, Diogo de Macedo
- Gerez – paisagem, flora e fauna, Diogo de Macedo
- Beira Alta, Luís Chaves
- A acácia do Jorge, Raul Brandão
- Vila Nova de Gaia, Raul Brandão
- Arte monumental do Pôrto, Aarão de Lacerda
- Serviços municipalizados do Pôrto, Aarão de Lacerda
- Lourenço Marques, António de Navarro
- Arte popular nortenha, Cardoso Marta
- Costume e tipos do Douro litoral, Ruy Tello
- O norte industrial, Ruy Tello
- Amarante – coração de Douro e Minho, Fernando dos Reis
- Roteiro do vinho português: quinta jornada, António Batalha Reis
- Dança de roda migradoura, Armando Leça

Fica muito evidente pelos títulos dos artigos que a revista possui um planejamento ideológico bem definidos, assim, o editor António Ferro corrobora para a eugenia e traços de elevar Portugal para o turismo do bom gosto a partir de posição bairrista, conforme normas salazarianas dentro da preocupação de promover, interna e externamente, Portugal como destino turístico (MELO, 2001).

Conteúdos sobre os estados, cidades, músicas, danças, cultura geral e popular são atrelados à organização vital do regime do Estado Novo português com ênfase na promoção do amor à pátria, retomando a ideologia do grande império português que viveu de bravura no passado, bem como alusão ao lado afetivo e tranquilo de Portugal. Dessa forma, *Panorama* buscava valorizar o que os portugueses tinham para oferecer, dentro do momento histórico Modernista: nacionalismo e cosmopolitismo. É dessa forma que Ferro encontra sua história sendo vinculada a revista Orpheu, o qual foi fundador.

Com efeito de organização da pátria, todas as revistas traziam como coluna obrigatória a "campanha do bom gosto", cujo conteúdo era moralizante, impositivo e regrado, essa seção era a principal entrelinha do texto de literatura de turismo e a repressão política de forma mais sutil.

António Ferro, com sua experiência em movimentos literários, em sua labuta, contou com nomes também das letras para deixar a revista em um tom mais artístico, cultural e literário. Isso fez com que muitos, apesar de saberem das censuras do regime, escreviam seus textos como ofício e ao mesmo tempo sobrevivência de sua profissão.

Nas seis edições do ano de 1941, verificam-se como face e interfaces as seguintes constantes: a) textos com teor patriótico; b) textos de valorização do interior português; c) textos com relevância sobre divulgação da cultura; d) textos sobre a modernização do Estado. Vê-se também que há duas seções fixas: "Fábulas e Parábolas de Turismo" e "Roteiros do Vinho".

Panorama inaugura junto com Salazar e Ferro um país que entrará para história mundial como uma ditatura nacionalista, familiar e cultural, cuja imagem propagada pela revista é típica das ditaduras: mostrar o governo do povo para o povo, mas que discursivamente, pelas análises dos textos, traz um teor mais intimista.

Igualmente a *Panorama*, a revista *Travel in Brazil* teve sua 1ª edição em 1941, nesse ano com 4 publicações. Revista publicada pelo DIP, cuja editora-chefe seria Cecília Meireles, escritora e personalidade de grande prestígio intelectual (ROMANO, 2019). A revista, produzida no Brasil, porém escrita integralmente em inglês e divulgada e distribuída somente nos Estados Unidos, como estratégia política internacional de aproximação Brasil-EUA, bem como o conteúdo explorava a disseminação do movimento de modernização do Brasil, isto é, política ideológica do Estado Novo brasileiro como ferramenta de atingir o público internacional mostrando o desenvolvimento industrial, urbano e mostrar a aproximação do Brasil aos moldes europeus (LACERDA, 1994).

Pelo sumário das quatro revistas, observa-se que o teor turístico da revista, com seu ponto-chave em retratar as grandes capitais e seus pontos turísticos, no entanto, como plano de fundo, observam-se a cultura brasileira, os motes interioranos que são vislumbrados em textos literários e a tímida representação desses temas dentro da revista.

Grandes autores que se fizeram na abertura do Modernismo brasileiros participaram da revista de forma ativa, o que dá identidade e prestígio à revista, tanto para a qualidade textual, quanto para a divulgação/credibilidade autoral do periódico.

Vejamos os tópicos das revistas:

Volume 1, nº 1, 1941

- Brasil, esta terra maravilhosa, Cecília Meireles
- Esboço da história do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda
- A arte arquitetônica no Brasil
- Natal no Brasil
- Mineração de Diamante
- Música brasileira, Mário de Andrade
- Rendas artesanais brasileiras, Nóbrega da Cunha
- O mosteiro de São Bento, Tasso da Silveira
- A feira internacional do Rio de Janeiro
- A última volta de uma viagem a Belo Horizonte, Austen Amaro

Volume 1, nº 2, 1941

- Carnaval no Rio, Cecília Meireles
- Caça em Mato Grosso, John B. Adams
- Um coronel muito estranho, Florência
- A jóia da vida vegetal: a orquídea, Heitor Grillo
- Curitiba e a estrada de ferro do Paraná, Tasso da Silveira
- Notícias de bom vizinho, Thelma Roberts

Volume 1, nº 3, 1941

- A capela decorada por Portinari, Mário de Andrade
- São Paulo: uma cidade para turistas, Menotti Del Picchia
- As represas do Nordeste Brasileiro, Rachel de Queiroz
- Petrópolis, a capital de verão do Brasil
- O gaúcho, Tasso da Silveira
- A casa do “caboclo”, Ângelo A. Murgel
- Pelas ruas do Rio, Florência

Volume 1, nº 4, 1941

- Ouro Preto, a antiga Villa Rica. Manoel Bandeira
- A impressão de um europeu do Rio em 1941, Paulo Rónai
- O museu imperial de Petrópolis, Cecília Meireles

Observam-se que monumentos históricos, grandes capitais, um Brasil com traços europeus, trilhas de turismo urbano, e por fim, traços acanhados da cultura e do interior brasileiro, dispositivos esses que o americano ou o sujeito estrangeiro pôde perceber pela leitura da revista.

Apesar dos textos possuírem uma escrita objetiva, Cecília Meireles conduzia sua equipe para um refinamento estético e promissor, tal característica importante para a revista se concretizar e continuar a ser editada noutros tempo, mesmo com o poderio impositivo de Pontes e seus preceitos estadonovista.

3. CONCLUSÃO

O período em análise neste trabalho, 1941, conhecido como "entre-guerras" aponta o mundo, em especial Brasil e Portugal, em fases difíceis de se reerguer enquanto pátrias, economias e política. O regime do Estado Novo homônimo dos países em tela, inspirados no nazismo e fascismo, embalavam-se em práticas de governo "mãos de ferro". Enquanto Vargas conhecido pela urbanização e industrialização como propagandas de seu regime, Salazar, na política da Campanha do Bom Gosto, encarregava-se de ressignificar a cultura popular, de origem rural, bem como valorar a entidade patriótica.

Ao analisar as revistas, *Panorama* e *Travel in Brazil*, buscou revelar a presença de traços ideológicos do Estado Novo, cada país com suas características específicas, que salientam imagens positivas dos governos, além de elementos relacionados ao nacionalismo, identidade e turismo (HENDRIX, 2014).

O conjunto das revistas editadas por Cecília Meireles e António Ferro corroboram para uma visão próspera dos dois países. Se por um lado conseguiram alavancar seus países o mínimo (social, econômico, cultural, saúde e educação) saindo do regime democrático para o ditatorial, por outro tiveram seus períodos marcados por um sistema político muito singulares. Assim, as revistas em análise mostraram todo o esforço em fazer literatura, não somente convidando os grandes intelectuais, mas conseguindo uma manobra muito enriquecedora, trazer o turismo literário para a cena principal, fazer o ofício literário, com textos com uma estilística rica, semântica e sintaxe exponencial, à luz do regime estadonovista.

Não há como constatar censura nos textos, mas compreende-se pelo plano da expressão e pelo plano de conteúdo que os artigos no gênero turismo literário foram de grande valia para o entendimento do funcionamento do regime adotado, suas imbricações moralizantes e tentativas de mostrar somente aquilo que o sistema político queria, mas os autores foram sensíveis e contornaram a ideologia, mesmo que sutil, para deixar a matéria literária em evidência.

REFERÊNCIA

[1] HENDRIX, Harald. Literatura e turismo: Explorações, reflexões e desafios. In: QUINTERO, Sílvia; BALEIRO, Rita (org.). LIT&TOUR: **ensaios sobre literatura e turismo**. Famalicão: Húmus, 2014.

[2] LACERDA, Aline Lopes de. A "Obra Getuliana" ou como as imagens comemoram o regime. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.

[3] LUCA, Tania Regina de. A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 61, 2011.

[4] QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo**: conceitos fundamentais. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.

[5] MELO, Daniel Seixas de. **Salazarismo e Cultura Popular** (1933-1958). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

[6] PANORAMA. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, v. 1, n. 1, junho. 1941. Mensal.

[7] _____. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, v. 1, n. 2, julho. 1941. Mensal.

[8] _____. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, v. 1, n. 3, agosto. 1941. Mensal.

[9] _____. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, v. 1, n. 4, setembro. 1941. Mensal.

[10] _____. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, v. 1, n. 5,6. 1941. Trimestral.

[11] ROMANO, L. A. C. **Cecília Meireles e a *Travel in Brazil* (1941-1942)**. São Paulo: Intermeios,

[12] 2019.

[13] TORGAL, Luís Reis. **História e Ideologia**. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.

[14] *TRAVEL IN BRAZIL*. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, v. 1, n. 1, 1941.

[15] _____. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, v. 1, n. 2, 1941.

[16] _____. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, v. 1, n. 3, 1941.

[17] _____. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, v. 1, n. 4, 1941.

[18] VACCARO, Evelin Cristine de França e ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)**, IFSP Itapetininga, v. 9, e022006, p. 1-16, 2022.

Capítulo 5

Análise do social em "As Represas do Nordeste Brasileiro", na revista Travel in Brazil (Vol. 1, Nº 3, 1941), de Rachel de Queiroz

1. INTRODUÇÃO

Rachel de Queiroz (1910-2003) nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 17 de novembro de 1910. Queiroz foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras e a primeira mulher a receber o Prêmio Camões. Foi também jornalista, tradutora e teatróloga. Seu primeiro romance, "O Quinze", ganhou o prêmio da Fundação Graça Aranha. Cabe destacar que seu romance "Memorial de Maria Moura" foi transformado em minissérie para televisão.

Rachel de Queiroz, uma voz feminina do Nordeste, atuou na segunda fase do Modernismo brasileiro, debruçou-se especialmente sobre o romance regionalista, apesar de ter outras vertentes (militância de esquerda, adolescência feminina e temas psicológicos). Na segunda fase do movimento modernista a crítica da realidade brasileira, caráter regionalista, linguagem verossimilhante e próxima do coloquial foram bem marcantes (ACIOLI, 2003).

É interessante ressaltar que em 1937, Rachel de Queiroz foi presa pelo governo de Getúlio Vargas acusada de ser comunista. A autora permaneceu presa por dois anos. Décadas depois, Rachel de Queiroz, em 1964, apoiou a ditadura militar brasileira, integrando o Conselho Federal de Cultura e o Diretório Nacional da Arena, partido político de sustentação do regime (LEVINE, 2001).

Queiroz atuou como escritora na revista *Travel in Brazil* lançada em 1941 durante o período do Estado Novo no Brasil, criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), liderado por Lourival Fontes, do governo de Getúlio Vargas, com o propósito de atrair turistas estrangeiros para o Brasil, sendo publicada em inglês e rica em ilustrações. Com o propósito de promover uma imagem positiva do Brasil, tanto interna quanto externamente, a revista teve 8 edições distribuídas entre 1941 e 1942, quando foi sucedida pela revista *This is Brazil*.

Cecília Meireles desempenhou a coordenação e redação dos textos da revista, que visavam transmitir uma imagem modernizadora do Brasil durante o Estado Novo.

Para trazer à tona esse olhar sobre Brasil, Rachel de Queiroz escreveu sobre a região Nordeste. Nesse veículo, que visava promover o turismo interno e internacional, a literatura ocupava um lugar especial, proporcionando uma conexão íntima entre a cultura e os viajantes em busca de novas experiências. A revista *Travel in Brazil* buscava retratar as belezas naturais, as cidades e o patrimônio cultural do país para incentivar o turismo interno e internacional, como sugeria o Estado Novo por meio do DIP. Nesse contexto, a literatura desempenhava um papel importante na promoção do turismo cultural (MOREIRA, 2012).

2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para divulgar o Brasil, Cecília Meireles, como editora da revista, encomendou um artigo a Rachel de Queiroz, cuja intenção era mostrar a modernidade progressista do Brasil. Queiroz abordou no texto “As Represas do Nordeste Brasileiro”, na revista *Travel in Brazil* (Vol. 1, nº 3, 1941) a vida social dos moradores frente à construção de hidrelétricas, uma mudança no cenário geográfico e humano. A região nordestina caracterizada pela presença de dois grandes rios: o Parnaíba, que nasce em Goiás e segue pacificamente pelas terras férteis do Piauí até desaguar no Oceano Atlântico próximo ao Ceará, e o São Francisco, que se origina na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e ao longo

de seu curso separa os estados da Bahia e Pernambuco, além de Alagoas e Sergipe, antes de desaguar no mar, formando imponentes quedas d'água em Paulo Afonso.

Queiroz aborda que, embora a região citada seja vasta e fértil, enfrenta desafios devido às secas periódicas, que moldaram a resistência e tenacidade do povo nordestino ao longo do tempo:

> A região é muito fértil, com um clima seco e agradável, mas tem uma grande desvantagem, ela sofre terrivelmente com o flagelo das secas periódicas." e "O Homem do Norte foi obrigado a se acostumar com essa condição de vida, constantemente com medo, nunca estando certo de que seus esforços para fazer uma colheita dará resultados, ele teve que aprender a desafiar e superar essas condições adversas (p.13).

Para enfrentar as secas, os nordestinos se dividem em dois grupos: aqueles que migram para a região Amazônica, se tornando comerciantes de borracha itinerantes, e aqueles que permanecem e lutam contra esse flagelo. Os que permanecem constroem represas de diferentes materiais em locais estratégicos dos córregos para armazenar água durante os períodos chuvosos: "Os homens do Nordeste podem ser divididos em dois grupos; aqueles que desistem, retomando o caráter do nômade; (...) Depois, há o nordestino que permanece, e confronta a seca, lutando e finalmente superando-a" (p.14).

A autora a fim de reforçar aquilo que o desenvolvimentismo, por meio de Vargas, quer, escreve que o governo brasileiro tem construído represas públicas como esforço para garantir o abastecimento de água e promover o desenvolvimento da região. Essas represas têm transformado a paisagem do Nordeste, criando novas oportunidades de produtividade e prosperidade ao seu redor:

> A partir de 1939 o Departamento, em cooperação com os rancheiros, construiu 147 represas privadas com uma capacidade combinada de duzentos e sessenta milhões de metros cúbicos; além disso, o Governo construiu 29 grandes represas públicas e imensos lagos, capazes de desafiar as secas mais longas, dando a esses locais a abundância do precioso líquido para irrigação, e garantindo a subsistência da população (p.15).

Observa-se que a partir da construção de represas e barragens, houve uma transformação na paisagem cultural e geográfica, o que ganha sentido polissêmico: de um lado modernizou o lugar; de outro modo a paisagem sertaneja; de outro ainda destruiu a natureza em prol do progresso, etc., como é percebido nos trechos:

> Os nordestinos constroem barragens em qualquer parte de um rio, córrego ou fluxos intermitentes e em alguns municípios do Nordeste há aproximadamente 500 pequenas represas privadas."; "a grande cadeia de lagos artificiais, construída pelos trabalhos do Departamento público está refrescando as terras ressequidas do Nordeste."; "o Governo construiu 29 grandes represas públicas e imensos lagos" e "Hoje, nós temos as represas de São Gonçalo, Lima Campos, Joaquim Távora, Condado, Forquilha, Santo Antônio de

> Baixo, General Sampaio, e outras todas com nomes de santos, mortos ilustres, e pontos geográficos (p.15).

Embora mencione aspectos geográficos e históricos da região Nordeste do Brasil, como os rios Parnaíba e São Francisco, assim como as secas periódicas e a resiliência do povo nordestino, o texto concentra-se principalmente em informações descritivas e factuais sobre a região: "Os nordestinos constroem barragens em qualquer parte de um rio, córrego ou fluxos intermitentes" (p.13).

Para um turista, esse texto pode fornecer informações interessantes sobre a região Nordeste do Brasil, destacando a presença dos rios Parnaíba e São Francisco e sua importância na geografia e na história da região. O texto menciona as secas periódicas e a resiliência do povo nordestino, o que pode despertar a curiosidade do turista sobre a cultura e o modo de vida local. Além disso, a menção das quedas d'água em Paulo Afonso pode criar interesse em visitar essa região específica. O texto também destaca a construção de represas e o esforço do governo para garantir o abastecimento de água, mostrando um aspecto de desenvolvimento e infraestrutura na região. No geral, o turista pode interpretar esse texto como uma introdução à região Nordeste, destacando seus aspectos geográficos, culturais e desafios enfrentados pelo povo local.

Rachel de Queiroz no texto **"**As Represas do Nordeste Brasileiro", através da linguagem, retrata a resiliência do nordestino através da história:

> Assim, nós vemos que essas secas são as maiores inimigas dos habitantes do Norte, desde o início dos tempos coloniais. Através dos anos, os efeitos desse flagelo periódico têm demonstrado a evolução do nordestino, fazendo-o mais resistente, com maior capacidade de suportar o sofrimento, mas mais tenaz e ousado do que o restante dos brasileiros." e "As terras férteis do grande Nordeste aguardam apenas os benefícios da água para uma explosão de produtividade que enriquece, não só o país, mas o indivíduo, suas culturas e ideais, e traz-lhe a sensação de bem-estar que o duro Nordestino há tanto tempo luta para alcançar (p.15).

Percebeu-se que apesar das dificuldades, a seca tem desempenhado um papel importante na evolução dos nordestinos, tornando-os mais resilientes e com uma capacidade maior de suportar o sofrimento. Eles se tornam mais tenazes e ousados em comparação com outros brasileiros. Essa força instintiva e natural constrói dois grupos distintos de homens: de um lado alguns desistem diante da seca, retomando características nômades e migrando para a região amazônica em busca de melhores condições de vida; já de outro lado, existem aqueles que encontram uma maneira de ajudar a si mesmos através da construção de represas. Usando tijolos, pedras ou terra, eles constroem represas em locais estreitos de córregos.

Esses homens possuem conhecimento instintivo e habilidades em engenharia de irrigação para enfrentar os desafios impostos pelas secas e garantir o fornecimento de água para suas terras: "Este método de captação é o mais antigo conhecido do homem, e era praticado no período pré-histórico. Os nordestinos constroem barragens em qualquer parte de um rio, córrego ou fluxos" (p.14). A região em questão apresenta um tamanho significativo em comparação com outros territórios e uma população que enfrenta desafios constantes causados pelas secas periódicas. Os nordestinos desenvolvem

habilidades de resiliência e adaptabilidade, com alguns buscando novos horizontes enquanto outros utilizam conhecimentos engenhosos para enfrentar os problemas de escassez de água.

O texto traz um comparativo, a região em questão possui uma extensão maior do que muitos territórios europeus e é consideravelmente maior do que várias repúblicas sul-americanas. Compara também que os egípcios são conhecidos por suas habilidades em engenharia e agricultura, conforme os excertos, visualiza-se esse recurso de linguagem:

> O curso desses dois rios formam o triângulo de terra chamado de Nordeste brasileiro, uma parte de território maior que muitos países europeus em existentes, assim como muitas das repúblicas sul-americanas." (...) da mesma forma como os egípcios plantam nas margens do Nilo, na estação seca (p.13-14).

Esse tipo de discurso encontrado em todos os textos, aponta para a ideologia da revista turística, apontando o Brasil um lugar muito parecido com a cultura e geografia de países europeus, cujo objetivo é trazer turistas pelo que o Brasil possui e pelo que ele parece.

Nesse artigo Rachel de Queiroz traz o testemunho em sua escrita abordando a inter-relações com o romance *O Quinze*, publicado em 1930, cujo conteúdo traz a terrível seca que assolou o Nordeste brasileiro em 1915, afetando profundamente a vida das pessoas e trazendo à tona a difícil realidade enfrentada pela população da região.

Não à toa, observa-se o olhar de Rachel de Queiroz narrando a representação do que fez bastante: denúncias sociais, realidades marcadas por desafios e contradições. Mas fica muito evidente que o seu discurso é moderado, e minimiza os problemas.

Mesmo com um teor descritivo e turístico, a autora consegue dar voz aos marginalizados e oprimidos, contribuindo para uma maior compreensão e empatia em relação ao povo nordestino e suas experiências únicas. Observa-se que Queiroz é profundamente enraizada no testemunho da realidade dessa região, destacando as lutas, as tradições e a riqueza cultural do povo nordestino. Assim como esse texto, suas obras são uma expressão poderosa de sua identidade como escritora e como testemunha da história e das experiências daqueles que habitam o Nordeste brasileiro, como destaca os autores que teorizam sobre o movimento Regionalista (FREYRE, 1976; TELES, 1978; BOSI, 1978; CANDIDO, 2000).

Portanto, quanto ao foco da revista *Travel in Brazil*, Rachel de Queiroz em cada descrição do Nordeste em seu texto, os leitores-turistas têm a oportunidade de mergulhar na história fascinantes e conexões emocionais com a literatura. Assim se faz o turismo literário, como uma maneira única de explorar a cultura e a história através das lentes da ficção/realidade e da imaginação, mesmo com denúncias sociais mais sutis, segundo Quinteiro e Baleiro (2017) e Mendes (2007).

3. CONCLUSÃO

A revista *Travel in Brazil*, na ótica do turismo literário, buscava mostrar o Brasil, suas peculiaridades despertavam curiosidade e interesse, o que poderia resultar em um aumento no fluxo de turistas. Nesse esforço, muitos aspectos eram priorizados, principalmente o interior brasileiro, longe dos centros urbanos e das capitais.

Nesse contexto, a cultura se destaca como um terreno fértil para construir essa coesão, pois permite vivenciar o passado e manter uma conexão emocional com a herança cultural do grupo. A brasilidade, por sua vez, se manifestaria através do "povo brasileiro" e seus costumes, com especial ênfase no que era denominado de cultura popular, ornamentos, símbolos, artefatos e o próprio brasileiro (ser humano).

A análise do foco social no artigo analisado destaca a habilidade de Rachel de Queiroz em realizar denúncias sociais e representar realidades marcadas por desafios e contradições. No entanto, chama a atenção para o caráter moderado de seu discurso, que minimiza os problemas sociais. Apesar disso, a autora, com uma abordagem descritiva e turística, consegue dar voz aos marginalizados, contribuindo para uma compreensão mais profunda e empática em relação ao povo nordestino. Queiroz é apresentada como enraizada no testemunho da realidade da região, destacando lutas, tradições e a riqueza cultural do Nordeste, o que, segundo teóricos do movimento Regionalista, constitui uma expressão poderosa de sua identidade como escritora e testemunha da história.

Quando conectamos essa análise ao tema da literatura contemporânea, percebemos uma continuidade na reflexão sobre a representação das questões sociais. A literatura contemporânea, segundo o artigo “As represas do Nordeste brasileiro” reflete os problemas e desafios sociais da época e os atuais. Os temas abordados incluem desigualdade, racismo, discriminação de gênero, migração e pobreza. Os escritores contemporâneos utilizam a narrativa como ferramenta para explorar e analisar questões sociais complexas, oferecendo uma perspectiva única que permite aos leitores se conectarem emocionalmente com as experiências dos personagens.

A interpretação crítica dos temas sociais na literatura contemporânea ressoa com a análise da obra de Rachel de Queiroz, que também demanda uma compreensão profunda dos símbolos e metáforas utilizados pela autora. Ambos os contextos literários sugerem que a literatura não apenas reflete, mas também influencia a conscientização e ação social. Enquanto Queiroz, de forma mais sutil, proporciona uma oportunidade para os leitores-turistas mergulharem na história do Nordeste, a literatura contemporânea, com sua diversidade de temas e perspectivas, inspira ações e mudanças sociais, despertando a consciência dos leitores.

Dessa forma, ao explorar os temas sociais tanto na obra específica de Rachel de Queiroz quanto na literatura contemporânea em geral, é possível perceber a literatura como um meio poderoso para compreender, questionar e transformar a sociedade, promovendo reflexão e diálogo sobre questões essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

[1] ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. E-book. Fundações Demócrito Rocha, 2003.

[2] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978.

[3] CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

[4] FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 6 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1976.

[5] LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[6] MENDES, M. C. G. **Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: o Vale do Lima.** 176 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.

[7] MOREIRA, Ruy. As fases e vetores da formação espacial brasileira: hegemonias e conflitos. In: _____. **A formação espacial brasileira: uma contribuição crítica à geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.

[8] QUINTEIRO, Silvia e BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo**: conceitos fundamentais. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.

[9] QUEIROZ, Rachel. As represas brasileiras. In **Revista *Travel in Brazil*,** Vol. 1, nº 3, 1941.

[10] TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

Capítulo 6

A ideologia do Estado Novo português para a confecção da revista Panorama (1940 e 1941)

1. INTRODUÇÃO

Este artigo não compõe necessariamente a revista *Travel in Brazil*, porém foi a partir do estudo dela que se pôde chegar à teorização do Estado Novo e do autoritarismo no mundo desde o fim da 1º Guerra Mundial. Assim, acredita-se que este artigo é de grande valia para entender o Brasil e fazer um cruzamento histórico, literário e ideológico no entendimento das mentalidades e das políticas de países.

O mundo, a partir da década de 1930, seguia uma tendência mundial de radicalização da política, a qual se consolidou por uma série de regimes totalitários, entre as quais podem-se citar o stalinismo soviético, o nazismo na Alemanha, o facismo na Itália, o franquismo na Espanha, o salazarismo em Portugal e o varguismo no Brasil (REIS FILHO, 2000).

Segundo Torgal (1989), mas por que a ditadura?

A existência da ditadura seria, portanto, um mal necessário para que a ordem nacional seja restaurada – e assim que isso acontecesse, o regime deixaria de existir.

Historicamente as ditaduras normalmente possuem caráter excepcional (são regimes de exceção) e surgem a partir de golpe de estado. As ditaduras da Roma antiga já eram de exceção, mas nada tinham a ver com as ditaduras modernas. Os ditadores romanos eram investidos pelo senado para atuar em situações de emergência, geralmente guerras. Também tinham prazos rígidos para cumprir sua missão, que não se prolongavam mais de seis meses, era um mecanismo previsto nas leis romanas (TORGAL, 1989; REIS FILHO, 2000).

Neste artigo, nosso foco é retratar o Estado Novo português, que também foi denominado de "salazarismo", um regime ditatorial que existiu entre 1933 e 1974, e foi pano de fundo primordial para a construção da revista *Panorama.* Desde 1910, com a derrubada da Monarquia Constitucional Portuguesa, iniciou-se a 1ª República Portuguesa, período que se caracterizou por crises socioeconômicas e políticas, e em tempos de Primeira Guerra Mundial, Portugal se viu corroída por crises ainda mais profundas. Dessa forma, o regime que era para ser exceção igual em Roma, ganhou expressividade e força para os problemas portugueses.

António de Oliveira Salazar e **o** Golpe de 28 de Maio de 1926, conhecido como Ditadura Nacional: o personagem e o momento histórico que farão de Portugal uma ditadura de 41 anos**.** Por mais que o golpe se construiu em 1926, mas somente em 1933 Salazar foi indicado para assumir o cargo de presidente do Conselho dos Ministros, função esta que correspondia à posição de chefe de Estado e, com isso, iniciou-se a longa ditadura salazarista, que recebeu o nome de Estado Novo, nesse mesmo ano é promulgada a Constituição, considerado o marco do regime que perduraria até 1974 (NETO, 2001).

Para embalar positivamente os portugueses, assistiu-se a um progresso efetivo em Portugal, resultado de políticas de reanimação da economia e de controle financeiro, de promoção da educação e saúde pública, do desenvolvimento cultural e de infraestruturas públicas (saneamento, rede elétrica, vias de comunicação, etc.) e da estabilidade política, bem como contribuiu para incentivar a produção nacional, impulsionada pela escassez de produtos derivada do conflito bélico (tanto na 1ª quanto na 2ª Guerra Mundial).

Por outro lado, observou-se que com o passar do tempo, o regime ditatorial português ganhou marcas profundas da personalidade de Salazar, o sentimento quase

romântico de nostalgia por um tempo medieval presumivelmente perfeito nos seus valores morais levou a um certo imobilismo ucrônico em Portugal por essa época (MELO, 2001; NETO, 2001).

É nesse viés que o salazarismo adquire uma característica fora dos padrões de outras ditaduras mundiais, assim o chefe de estado promoveu a cristalização de valores mais tradicionalistas e ruralistas associados a um tempo passado, tentou legitimar a sua posição e a do regime, apelando à unidade nacional e do império português, ao tradicionalismo conservador e nacionalista, e ao corporativismo e defesa dos valores morais católicos. Para corroborar sua posição patriota, lança o lema "Deus, Pátria e Família", a fim de ressignificar as raízes portuguesas nas tradições populares, com isso a propaganda do regime baseada no Passado nacional converteu-se num poderoso instrumento ideológico. Certamente as consequências disso foram notórias: o regime começou a resgatar um Passado histórico que em alguns momentos foi claramente fictício, esquecendo eventos do passado considerados decadentes e amplificando o significado daqueles vistos como gloriosos e que estariam supostamente a ser continuados pelo Estado Novo (MELO, 2001; NETO, 2001).

> Em 1933, foi criado o Secretariado de Propaganda Nacional, Turismo e Cultura Popular (SPN) sob a direção de António Ferro (1895-1956), albergando não só funções de propaganda e censura, mas também funções culturais. Ferro havia formulado uma filosofia cultural denominada Política do Espírito, tentando reconquistar o que considerava o espírito de Portugal, ou seja, a "portugalidade" ou "lusitanidade": recuperação de grandes obras, elevação do gosto português, revivificação das tradições populares, melhoramento da paisagem portuguesa e difusão do espírito, cultura e arte nacionais (MELO, 2001, p. 56).

O SPN constituiu-se como um poderoso instrumento de enaltecimento do regime e do seu líder, promovendo um autêntico doutrinamento do povo mediante um variado conjunto de ações.

Segundo Ó (1999 p. 33), "O ano do nascimento, o ano do renascimento e o ano apoteótico do ressurgimento", esse n foi usado para mostrar a retórica nacionalista do Estado Novo que mitificava assim o regime, congregando-o aos gloriosos eventos da história nacional. Dessa mesma forma, essas alusões discursivas, assim como a utilização massiva das imagens, dos símbolos e das palavras fortes constituíam-se em meios de transmissão que melhor comunicavam as mensagens de glória do regime (Ó, 1999).

Vale ressaltar que Duplo Centenário da Fundação e da Restauração da Independência de Portugal, comemorado em 1940, foram os grandes enlevos do Estado Novo, elementos-chave para a base propagandística ideológica que convergiram para beneficiar o próprio regime, mediante a sua associação a eventos de altíssima carga simbólica na memória popular portuguesa, e a sua integração no imaginário coletivo.

Essa base propagandística se dava pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), órgão ao qual coube a execução de uma parte importante do projeto cultural do Estado Novo. De 1933 a 1949 o SPN foi dirigido por António Ferro, jornalista e escritor que estivera ligado à revista *Orpheu*, participando assim na divulgação do modernismo em Portugal. Ferro adentra com a denominada "Política do Espírito", cujo objetivo era a

> criação de uma imagem do regime onde aliava uma linguagem modernista ao conservadorismo e ruralismo oficiais, mitificando a história e afirmando a excecionalidade nacional. Projeto cultural que incluía a hierarquização social por via do ensino, veiculando igualmente a obediência à figura paternalista do ditador (MELO, 2001, p. 46).

Ferro, que acompanhara o desenvolvimento dos modernismos em Portugal, vai tentar mobilizar artistas das mais diversas áreas com o propósito de criar uma imagem do regime que conciliasse uma linguagem modernista com o seu conservadorismo e ruralismo oficiais.

O movimento artístico denominado de Modernismo, que se iniciou nas primeiras décadas do século XX**,** durou até por volta dos anos 70. O marco inaugural desse movimento foi o lançamento da revista *Orpheu*, em 1915. O Modernismo português, entrelaçado no período entre-guerras, em sua conjectura possuiu três gerações bem definidas, são elas: Orfismo, Presencismo e Neorrealismo (MEDINA RODRIGUES, 1994).

O Orfimos ou a Geração de Orpheu, primeira geração modernista, é assim chamada tendo em conta que é esse o nome da publicação que demarca a fronteira com a anterior escola literária. A revista, que teve à frente Fernando Pessoa**,** Mário de Sá Carneiro **e** Almada Negreiros (primeiro grupo modernista), foi um grande escândalo. Ela teve a duração de apenas um ano, o que aconteceu em decorrência de problemas financeiros após o suicídio de Mário de Sá Carneiro. O Futurismo e o Expressionismo (Vanguardas Europeias) influenciaram essa geração (MEDINA RODRIGUES, 1994).

A segunda geração denominada de Presencismo ou a Geração da Presença inicia em 1927 com o lançamento da Revista Presença. A revista foi fundada por Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e José Régio. O objetivo desse grupo era dar continuidade ao trabalho iniciado com a Revista Orpheu (MEDINA RODRIGUES, 1994).

Por fim, o Neorrealismo, que é a terceira geração do Modernismo tem início em 1940 com a publicação de Gaibéus, de Alves Redol. Esse período caracteriza-se pela oposição ao ditador Salazar (MEDINA RODRIGUES, 1994).

António Ferro, artista e grande influenciador, perpassou nesses três momentos do Modernismo português, conhecendo, certamente, os pontos fortes e fracos dos escritores e artistas, o que garantiu, pela posição e influência política, trazer para perto de si e do movimento salazarista nomes para expandir a ideologia por meio da literatura principalmente.

> Assim, a par da encomenda e produção de filmes, cartazes ou programas de rádio, o SPN passa a organizar exposições anuais, as Exposições de Arte Moderna do SPN, onde são instituídos prémios para várias práticas artísticas, ao mesmo tempo que cria prémios literários, simultaneamente promovendo e controlando a produção artística. Mas a sua acção não se esgotava aqui, abrangendo ainda a criação do Teatro do Povo, da companhia de bailado Verde Gaio ou a realização de sessões de cinema ambulante. O SPN envolver-se-á ainda na participação portuguesa em eventos internacionais, como a Exposição Universal de Paris (1937) ou a Feira Mundial de Nova Iorque (1939) (Ó, 1999, p. 87)

Como materialidade dessa parceria intelectual e ideológica entre Estado Novo Português e Literatura, este artigo estudará a revista *Panorama* e suas imbricações dentro do recorte da pesquisa, que é estudar o interior português e suas manifestações culturais.

2. PANORAMA: REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

A revista foi editada mensalmente em Lisboa entre 1941 e 1974 pelo então denominado Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), renomeado Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) em 1945, sob a superior direção de António Ferro (até 1949).

Em todo o momento que Ferro esteve à frente, o aporte ideológico do regime foi claramente associado dentro da revista, como se pode notar no preâmbulo: “Integrar os portugueses no pensamento moral que deve dirigir a Nação”.

A distinção política do SPN e o apoio de Salazar a Ferro enunciam o protagonismo de organizar um grupo de colaboradores para a Panorama, artistas com renome e talento: Teixeira de Pascoaes, Almada Negreiros, Aquilino Ribeiro, Ruy Cinatti, Vitorino Nemésio, Natércia Freire, entre outros,

> destaque também para as capas e ilustrações da autoria de alguns representantes do modernismo português, como o dito Almada, Bernardo Marques, Carlos Botelho, Mily Possosz, Manuel Ribeiro Pavia, Paulo Ferreira, Thomaz de Mello. Seria dirigida graficamente por Júlio Gil depois de uma interrupção em 1950. "Bem paginada e ilustrada, documentalmente, com colaboração de bons desenhadores e excelentes capas, Panorama tinha menor interesse nos textos publicados, de carácter magazinesco, embora com algumas assinaturas de relevo (MELO, 2001, p. 67).

A revista *Panorama* em sua maioria era consagrada às artes plásticas, seção que trouxe à tona a modernização, assim como deixou sua contribuição na divulgação das artes de carácter decorativa e de atração turística. Todas as essas modalidades discursivas estavam em consonância com a função cultural e propagandística da instituição editorial.

A revista na década de 1940 propagou a pintura, a escultura, o desenho e a arquitetura, sobretudo para sublinhar a ação fomentadora do Estado Novo. Posteriormente, observou-se o controle do Estado Novo na atuação da revista, deixando o conteúdo politizado, conforme a padronização do regime.

3. CONCLUSÃO

As características do Estado Novo em Portugal e seu papel na criação de uma revista ideológica. Durante esse período, o regime ditatorial liderado por Salazar implementou políticas de reanimação econômica, controle financeiro, promoção da educação e saúde pública, além do desenvolvimento cultural e de infraestruturas. Essas ações foram acompanhadas por uma estabilidade política que impulsionou a produção nacional, especialmente devido à escassez de produtos durante as guerras mundiais.

Entretanto, ao longo do tempo, o regime ditatorial português assumiu características marcantes da personalidade de Salazar. A nostalgia por um passado

medieval idealizado levou a um certo imobilismo utópico em Portugal, contribuindo para a cristalização de valores tradicionalistas e ruralistas. O salazarismo promoveu a ideia de um passado perfeito, apelando à unidade nacional, ao tradicionalismo conservador e nacionalista, ao corporativismo e à defesa dos valores morais católicos. A propaganda do regime baseada no passado nacional tornou-se um instrumento ideológico poderoso, ressignificando as raízes portuguesas nas tradições populares.

A criação do Secretariado de Propaganda Nacional, Turismo e Cultura Popular (SPN) em 1933 sob a direção de António Ferro foi essencial para a construção da narrativa ideológica do Estado Novo. O SPN desempenhou um papel significativo na promoção do regime e de seu líder, utilizando uma variedade de ações para doutrinar a população. A filosofia cultural denominada "Política do Espírito" buscava recuperar o espírito português, destacando a "portugalidade" através da recuperação de grandes obras, elevação do gosto português, revivificação das tradições populares e difusão do espírito, cultura e arte nacionais.

O SPN, ao dirigir o projeto cultural do Estado Novo, utilizou estratégias modernistas para criar uma imagem do regime que combinasse uma linguagem modernista com o conservadorismo e ruralismo oficiais. António Ferro, influenciado pelo movimento modernista, mobilizou artistas de diversas áreas na tentativa de construir uma imagem que mitificasse a história e afirmasse a excepcionalidade nacional. Esse projeto cultural incluía a hierarquização social por meio do ensino e promovia a obediência à figura paternalista do ditador.

Portanto, a revista ideológica criada durante o Estado Novo refletia não apenas as políticas econômicas e culturais do regime, mas também a tentativa de construir uma narrativa modernista que consolidasse a ideologia conservadora e ruralista oficial. Esse contexto ideológico buscava, por meio da propaganda, moldar a percepção da população e legitimar o regime liderado por Salazar.

REFERÊNCIAS

[1] MEDINA RODRIGUES et al. **Literatura Portuguesa**. S. Paulo: Ática, 1994

[2] MELO, Daniel Seixas de. **Salazarismo e Cultura Popular** (1933-1958). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

[3] NETO, Maria João. **Memória, Propaganda e Poder**: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960). Porto: FAUP Publicações, 2001.

[4] Ó, Jorge Ramos do. **Os Anos de Ferro**: O Dispositivo Cultural durante a "Política do Espírito" (1933-1949). Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

[5] PANORAMA: REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO: (1941-1949) cópia digital, Hemeroteca Digital.

[6] REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

[7] SALAZAR, António de Oliveira. **Discursos e Notas Políticas**. Coimbra: Coimbra Editora, 1928-1967. 6 v.

[8] TORGAL, Luís Reis. **História e Ideologia**. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

@editorapoisson

https://www.facebook.com/editorapoisson